

CENTRO PRESBIERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Marcos Cleber Santos Siqueira

A PREGAÇÃO PURITANA:
CRISTOCÊNTRICA, SIM; CRISTOMÔNICA, NÃO.

São Paulo

2022

CENTRO PRESBIERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Marcos Cleber Santos Siqueira

A PREGAÇÃO PURITANA:
CRISTOCÊNTRICA, SIM; CRISTOMÔNICA, NÃO.

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, *MDiv*, na área de Estudos Pastorais.

Orientador: Dr. Dario de Araújo Cardoso

São Paulo

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sp	<p>Siqueira, Marcos Cleber Santos.</p> <p>A pregação puritana: [recurso eletrônico] cristocêntrica, sim; cristomônica, não. / Marcos Cleber Santos Siqueira. 430 KB;</p> <p>Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.</p> <p>Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Dario de Araújo Cardoso.</p> <p>Referências Bibliográficas: f. 48-54.</p> <p>1. Pregação. 2. Cristocêntrico. 3. Cristomonismo. 4. Trindade. 5. Puritanos. I. Cardoso, Dario de Araújo, orientador(a). II. Título.</p>
----	--

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

MARCOS CLEBER SANTOS SIQUEIRA

A PREGAÇÃO PURITANA:
CRISTOCÊNTRICA, SIM; CRISTOMÔNICA, NÃO.

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais.

Orientador: Dr. Dario de Araújo Cardoso

Aprovada em: 15 / 11 / 2022

Orientador: Dr. Dario de Araújo Cardoso

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Marcos Cleber Santos Siqueira**

Programa: Magister Divinitatis, MDiv, na área de Estudos Pastorais.

Título do Trabalho: A Pregação Puritana: cristocêntrica, sim; cristomônica, não.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

Agradecimentos

Ao Deus Trino, a razão da minha existência e fundamento da minha salvação.

À Isabela, minha esposa, pela compreensão e incentivos constantes.

À Igreja Presbiteriana Ebenézer de São Paulo, igreja que ama o ensino e estimula seus líderes à busca do conhecimento bíblico bem como dá condições para tal.

Ao Prof. Dr. Dario de Araújo Cardoso, pelo trato, disposição em ajudar e docência inspiradora.

Ao Rev. Paulo Ulisses, que dispôs de tempo para o compartilhamento de seus estudos na área e o fez de maneira humilde, apaixonada e brilhante.

Ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper, pelo seu capacitado e piedoso corpo docente.

TRINDADE¹

*TRÊS EM UM, UM EM TRÊS, DEUS DA MINHA SALVAÇÃO,
Pai celeste, Filho bendito, Espírito eternal,
Adoro-te como único Ser, Essência única,
Único Deus em três Pessoas distintas,
Por trazeres pecadores ao teu conhecimento e ao teu reino.
Pai, tu me amaste e enviaste Jesus para me redimir;
Jesus, tu me amaste e assumiste a minha natureza,
Derramaste o teu próprio sangue para lavar meus pecados,
Operaste justiça para cobrir minha iniquidade;
Espírito Santo, tu me amaste e entraste em meu coração,
Onde implantaste a vida eterna,
Onde me revelaste a glória de Jesus.
Três Pessoas e um Deus uno, bendigo-te e louvo-te,
Por amor tão imerecido, tão indizível, tão extraordinário,
Tão poderoso para salvar os perdidos e levá-los a glória.*

¹ BENNETT, Arthur (organizador). O vale da Visão: uma coletânea de orações puritanas. Brasília-DF: Monergismo, 2020, p. 19

Resumo

A involuntariedade de um erro, não o torna desculpável. Com o renovado interesse pela pregação cristocêntrica, muitos incorrem no lapso cristomônico. Na prédica, o cristomonismo se manifesta no ato de pregar Cristo excluindo o Pai e o Espírito Santo. Ainda que involuntária, a perspectiva cristomônica produz aplicações superficiais e torna o pregador deficitário em pregar todo o conselho de Deus. Portanto, o presente trabalho apresenta um modelo, corroborado pela ortodoxia reformada, de pregação cristocêntrica pautado no bom exemplo dos puritanos, os quais contextualizavam a obra redentora de Cristo na obra redentora trinitária.

Palavras chaves: Pregação. Cristocêntrico. Cristomonismo. Trindade. Puritanos. Conselho Trinitário. Aliança da Redenção. Aliança da Graça. Doutrina.

Abstract

Involuntary error does not make it excusable. With the renewed interest in christocentric preaching, some make the error of the christomonism. In preaching, christomonism is manifested in the act of preaching Christ excluding the Father and the Holy Spirit. Even if involuntary, the christomonic perspective produces superficial applications and makes the preacher deficient in preaching the whole counsel of God. Therefore, the present work presents a model, attested by Reformed orthodoxy, of christocentric preaching based on the good example of the Puritans, who contextualized the redemptive work of Christ in the trinitarian redemptive work.

Keywords: Preaching. Christocentric. Christomonism. Trinity. Puritans. Trinitarian Council. Redemption Covenant. The Covenant of redemption. The Covenant of Grace. Doctrine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O CRISTOMONISMO	12
1.1. Discussões sobre o tema.....	12
1.2. Cristomonismo e pregação.....	14
2. O QUE É UMA PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA?	17
2.1. A pregação cristocêntrica é, certamente, centrada em Cristo.	17
2.2. A pregação cristocêntrica é trinitária.....	19
2.3. A pregação cristocêntrica considera a obra do Pai.....	20
2.4. A pregação cristocêntrica considera a obra do Espírito Santo.....	21
3. OS PURITANOS E A PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA	23
3.1. O puritanismo	23
3.2. A Pregação Cristocêntrica entre os Puritanos.....	26
3.3. A Pessoa de Cristo Jesus na pregação puritana.....	28
3.4. A Obra de Cristo Jesus na pregação puritana	29
3.5. O Ensino de Cristo Jesus na pregação puritana	30
4. A PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA PURITANA COMO UM PARADIGMA	32
4.1. A pregação cristocêntrica puritana era trinitária em sua aplicação.....	33
4.2. A pregação cristocêntrica puritana era apologética.....	36
4.3. A pregação cristocêntrica puritana era aliancista	37
4.3.1. <i>A Aliança da Redenção</i>	38
4.3.2 <i>A Aliança da Graça</i>	40
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

A pregação cristocêntrica, felizmente, tem sido o alvo de boa parte dos pregadores. Publicações sobre o tema têm ganhado espaço na biblioteca de pastores. Contudo, no afã de ser cristocêntrico incorre-se no erro cristomônico. O termo “cristomonismo”, etimologicamente, derivado de *Christos* (Cristo) e *monos* (unicamente) refere-se ao isolamento e abstração da segunda pessoa da Trindade. Na pregação, o cristomonismo se manifesta no ato de pregar Cristo excluindo o Pai e o Espírito Santo. Ainda que involuntária, a perspectiva cristomônica produz aplicações superficiais que implicam em uma prática aquém do que nos é requerido pela Palavra de Deus, em termos de consagração e santificação.

Assim sendo, este trabalho visa identificar, na história eclesiástica, um padrão de pregação claramente cristocêntrico, a despeito da tendência cristomônica atual. O período escolhido é aquele dos puritanos. Enquanto o cristomonismo é destacado pelo isolamento e abstração da segunda pessoa da Trindade; a pregação puritana compreendia que é, pelo Filho, que o amor do Pai é visto e a obra do Espírito é contemplada.

Buscaremos alcançar os alvos supramencionados analisando fontes primárias e secundárias das obras, citações e sermões dos puritanos ingleses entre 1550 e 1700. A escolha pelo período e movimento puritano justifica-se visto este ser considerado a era de ouro da pregação. Com poucas exceções, os pregadores puritanos proclamaram “*amável e fervorosamente todo o desígnio de Deus revelado na Escritura. Nenhum grupo de ministro na história da Igreja já se equiparou à pregação prática, bíblica, doutrinária e experiencial deles*”.²

Deste modo, o trabalho demonstra sua relevância acadêmica e prática estimulando-nos a reflexão sobre a pregação cristocêntrica; avaliando a ameaça cristomônica e seus efeitos na saúde espiritual dos ouvintes; e tendo os sermões puritanos como paradigma, munindo os pregadores com princípios para uma pregação verdadeiramente cristocêntrica que redunde em benefício espiritual à igreja.

² BEEKE, Joel R. *Pregação Reformada*. São José dos Campos – SP: Fiel, 2019, p. 210.

1. O CRISTOMONISMO

Ao longo da história da igreja, o cristomonismo, como a absolutização da segunda Pessoa da Trindade (Filho) em detrimento das outras duas Pessoas (Pai e Espírito Santo), tem despontado em contextos distintos mais como uma predisposição ou desvio doutrinário involuntário do que uma doutrina propriamente dita.

1.1. Discussões sobre o tema

No universo católico romano, a igreja tem sido acusada pelos seus críticos com viés carismático de cristomonismo eclesiológico, em que se tem uma Igreja ligada fundamentalmente só a Cristo, sendo que ao Espírito não é reconhecida nenhuma função constitutiva. Deste modo, o termo “*cristomonismo*” acompanhou boa parte das críticas do eclesiólogo católico, Yves-Marie Congar (1904-1995), a respeito daquilo que ele descreve como grande insistência sobre a pessoa de Cristo seguida de ausência inquietadora do Espírito.³

Em seu livro, “Creio no Espírito Santo I: revelação e experiência do Espírito”, Congar observa que a reação da igreja ao montanismo a levaria a um cristomonismo velado.⁴ O Montanismo foi um movimento carismático, ascético e apocalíptico iniciado na Frigia, por volta do ano 170 d.C., por Montano, coadjuvado por duas “profetisas”, Priscila e Maximilia. A ênfase deste movimento era a restauração na igreja de todos os dons apostólicos, especialmente línguas, profecia, milagres e sinais. No entanto, a “*igreja oriental rejeitou essas reivindicações e condenou o montanismo como movimento herético*”.⁵ Na análise de Congar, a acertada intervenção da igreja quanto ao montanismo a inclinou para o cristomonismo. Congar propôs uma renovação do entendimento católico quanto a importância esquecida do Espírito Santo na igreja. As reivindicações de Congar foram consideravelmente atendidas no Concílio Vaticano II (1962 e 1965).

Entre os protestantes, o “Cristomonismo” é aludido tendo como pano de fundo o nascedouro da neo-ortodoxia com Karl Barth (1886-1968). Pastor

³ CONGAR, Yves. A palavra e o Espírito, São Paulo: Loyola, 1989, p. 74

⁴ CONGAR, Yves. Creio no Espírito Santo I: Revelação e Experiência do Espírito, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 96

⁵ LOPES, Augustus Nicodemus. O que Você Precisa Saber sobre Batalha Espiritual, 7ª Edição, São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 56

reformado de 1911 a 1921 na aldeia de Safenwill no cantão de Aargau, na Suíça. Barth tem sido identificado “como o homem que deu o golpe de misericórdia no antigo liberalismo com seu comentário de Romanos”.⁶ O movimento fundado por Barth intencionava retornar à Reforma e à Palavra de Deus, “tentando buscar algo mais que a pesquisa meramente histórica poderia oferecer”.⁷

Embora de forte inspiração calvinista na gênese de seu movimento, Lima compreende que a visão barthiana não pode ser considerada realmente calvinista. A razão é que em seu cristocentrismo que praticamente virava um “cristomonismo” e em seu universalismo soteriológico “Barth foi bem além de Calvino”.⁸ Quanto ao seu cristomonismo, Evis L. Carballosa declara:

Barth presta muita atenção nas doutrinas da eleição e da reconciliação. Em sua consideração destas doutrinas, Barth reflete seu cristomonismo, ao dizer “o teólogo bíblico deve começar com Cristo e somente com Cristo na formulação de sua doutrina” [Robert L. Reymond, op. cit., p. 118]. Para Barth, Cristo era tanto o Deus que elege como o homem eleito. “Cristo é o começo de todos os atos e obras de Deus. O principal relacionamento de Deus com os homens é elegê-los em Cristo (II, 2, p.168). A totalidade do ensino bíblico em relação à criação e providência deve ser vista à luz de Cristo como o Deus que escolhe [Cornelius Van Til, Barth’s Christology, p. 13].⁹

Em tom moderado, referindo-se a essa controvérsia de Barth, Robert Letham escreve:

...seu cristocentrismo vigoroso é certamente exagerado, quase chegando ao ponto de um cristomonismo. Enquanto sua teologia, no geral, é fortemente trinitária, ele praticamente não fez justiça à ênfase consistente do Novo Testamento de que foi Deus quem nos escolheu e que a eleição é particularmente uma obra do Pai (por exemplo, Ef 1.4). Que o Filho esteve envolvido é inquestionavelmente verdadeiro, pois Pai, Filho e Espírito Santo estão todos ativos em todas as obras de Deus. Jesus reivindicou o direito de escolher (João 15.16), porém, já que as pessoas da Trindade trabalham em harmonia, antes que em uníssono, tanto o Pai é o autor da eleição quanto o Filho que morreu na cruz ou o Espírito Santo que foi enviado no Pentecostes.¹⁰

É fato que Barth restringiu o conhecimento de Deus ao que é revelado em Cristo e não apenas fez de Jesus Cristo o centro e o coração de sua teologia, tornando-a “cristocêntrica”. A acusação de cristomonismo reside também no uso

⁶ LIMA, Leandro Lima. O Futuro do Calvinismo. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 64

⁷ Ibid, p.64

⁸ Ibid, p. 65

⁹ CARBALLOSA, Evis L. A divindade de Cristo. Grand Rapids, Michigan: Porta-voz Editorial, 1982, pp. 71–72 (nossa tradução).

¹⁰ LETHAM, Robert. A Obra de Cristo, Série Teologia Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 52.

que Barth faz da pessoa de Jesus Cristo como base e princípio organizador de toda a sua elocubração teológica. Para Barth, por exemplo, como vimos, Jesus Cristo é tanto o sujeito quanto o objeto da eleição. Sendo assim, onde se encaixa Deus, o Pai, o Espírito Santo, e até mesmo os seres humanos dentro desse esquema?

No livro “A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21: Deus e o mundo numa era líquida”, os autores Stanley J. Grenz e Roger E. Olson explicam que:

Talvez *crismonismo* seja um termo forte demais para descrever de maneira justa a teologia de Barth. Ele certamente não nega a distinção entre o Filho, o Pai e o Espírito Santo. E com certeza não obscurece a distinção ente Cristo e o mundo. Além disso, o termo é polêmico demais para fazer justiça à grande contribuição fornecida por Barth ao trazer Cristo de volta para o centro do pensamento cristão, que é o seu devido lugar. No entanto, a concentração extrema do teólogo suíço na cristologia dá à sua teologia uma impressão de ser unilateral e de negligenciar o papel do Pai, do Espírito Santo e dos seres humanos na história da salvação.¹¹

Neste trabalho, não nos cabe avaliar o quanto Grenz e Olson estão certos em relação a Barth. Mas, é totalmente compreensível e possível haver um crismonismo involuntário. Contudo, o conceito crismonico em foco, não se relaciona a nenhum dos exemplos acima citados. Ou seja, não é nossa proposta analisar a reivindicação carismática, no universo católico ou avaliar a perspectiva *barthiana* a respeito do conhecimento de Deus revelado em Cristo. Propomos, no entanto, considerar a existência de um crismonismo, ainda que involuntário e implícito, nas pregações que intencionam ser cristocêntricas no meio protestante reformado.

1.2. Crismonismo e pregação

O renovado interesse pela pregação expositiva cristocêntrica, no Brasil, pode ser atribuído, principalmente, às obras de Bryan Chapell, *Pregação Cristocêntrica* (2002) e Sidney Greidanus em “O Pregador Contemporâneo e o Texto Antigo”, e “*Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*” (2006), ambos livros publicados pela Editora Cultura Cristã. Essas obras, como nota Dario Cardoso:

Têm como ponto chave a proposta de que Cristo não é apenas o tema central principal das Escrituras, mas é, sobretudo, o tema de toda

¹¹ GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. A teologia do Século 20 e os anos críticos do século 21: Deus e o mundo numa era líquida. 2ª Edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 88

Escritura. Assim, segundo esses dois autores, todo sermão realmente bíblico se desenvolverá de forma a apresentar Jesus Cristo aos ouvintes.¹²

Julgo que esta reaparição da pregação cristocêntrica deve ser recebida com entusiasmo. Pautar ministérios e pregações na pessoa e obra do Salvador, para alguns tem sido uma prática antiga; para outros a busca sincera de proclamar Cristo de uma forma efetiva em suas pregações é algo relativamente novo. Contudo, como comenta Matthew Holst, *“Louvado seja Deus! Se Cristo está sendo proclamado, então a Igreja está no caminho certo”*.¹³

Entretanto, não raro, a despeito do que se possa imaginar, os pregadores se tornam suscetíveis a aderir sutilmente um cristomonismo. Como declara Matthew Holst: *“existe uma linha tênue entre ser cristocêntrico (pregar as Escrituras de forma que elas estejam centradas em Cristo) e ser cristomônico (pregar o Cristo das Escrituras excluindo o Pai e o Espírito)”*¹⁴. Kyeongmin “Kaleb” Seo, compartilha da mesma preocupação:

O termo "pregação centrada em Cristo" é uma expressão utilizada pelos pregadores evangélicos modernos. Essa abordagem cristocêntrica apoiada por Sidney Greidanus, Bryan Chapell e Graeme Goldsworthy, entre outros, incentivou os pregadores a se concentrarem em Cristo, para que possam entregar o evangelho de toda a Bíblia. No entanto, a aplicação descuidada ou uma compreensão inadequada da metodologia podem transformar a pregação cristocêntrica na pregação cristomônica.¹⁵

Deste modo, o conceito de cristomonismo a ser tratado é aquele definido como *“O ato de focalizar apenas na obra salvífica de Cristo na nossa leitura e pregação das Escrituras”*¹⁶ de modo, a minimizar ou até mesmo descartar o papel redentivo e santificador do Pai e do Espírito Santo.

A pregação cristomônica se concentra *apenas* em Jesus, a despeito das demais Pessoas da Trindade. Ken Langley argumenta que essa tendência pode resultar em um fracasso em honrar o Deus Triúno e levar a um mal entendimento

¹² CARDOSO, Dario de Araújo. Uma abordagem cristocêntrica para os sermões biográficos. Revista Fides Reformata, São Paulo, XV, Nº1, 2010, p. 57-79

¹³ HOLST, Matthew. Cristocêntrico ou Cristomônico. Disponível em <<https://cruciforme.com.br/cristocentrico-ou-cristomonico/>> Acesso em 25/09/2022

¹⁴ Ibid.

¹⁵ SEO, Kyeongmin “Kaleb”. Christomonism: A Pitfall Of Christocentric Preaching. Disponível em <<https://preachingsource.com/blog/christomonism-a-pitfall-of-christocentric-preaching/>> Acesso em 25/09/2022 (tradução nossa).

¹⁶ HOLST, Matthew. Cristocêntrico ou Cristomônico. Disponível em <<https://cruciforme.com.br/cristocentrico-ou-cristomonico/>> Acesso em 25/09/2022

do evangelho¹⁷. “Nosso próprio Senhor nos apontou repetidamente dois outros objetos nas Escrituras, a saber, Deus o Pai e Deus o Espírito Santo. Ao longo dos relatos dos Evangelhos”¹⁸, continua Holst:

ele repetidamente afirmou que tinha vindo para fazer a vontade de seu Pai. Além disso, em sua ascensão, Cristo prometeu enviar outro Consolador – o Espírito Santo, para ser o agente divino que acompanharia e agiria em sua Igreja. Devemos seguir o exemplo de nosso Senhor ao pregar tanto a obra quanto caráter do Pai e do Espírito.¹⁹

Paulo Ulisses, por sua vez, destaca:

o edifício da salvação tem por base o que chamamos de “agência trinitária”, ou seja, a obra da redenção foi orquestrada e operada pela Trindade. Sabemos também que não fomos salvos em parte, ou que há alguma seção de nossa vida que não esteja sob a jurisdição do Deus Triúno que nos resgatou da morte do pecado para a vida que usufruímos nEle. Dessa maneira, não há como pensar na vida cristã de maneira a desconsiderar esse ponto: toda nossa vida também é trinocêntrica, isto é, nossa existência gira em torno do Pai, Filho e Espírito Santo, o único Deus vivo e verdadeiro.²⁰

Deste modo, no afã de expressarem a centralidade de Cristo no texto, inconscientemente, muitos são cristomônicos na prática. Holst identifica:

Se você escuta pouco ou nada do amor do Pai ao salvar os pecadores, provavelmente você está ouvindo uma pregação cristomônica. Se você raramente ouve uma aplicação na pregação, provavelmente você está ouvindo uma pregação cristomônica. É muito fácil cair no cristomonismo.²¹

E o que há de errado com essas mensagens? A resposta simples é que elas, como vimos, não estão retratando fielmente todo o conselho de Deus ou, em outras palavras, elas não resumem a totalidade da mensagem de “Jesus Cristo e ele crucificado”, a qual é bíblicamente contextualizada na obra redentiva operada pelo Deus Triúno.

Portanto, compartilho do temor de Matthew Holst de que na busca de ser fielmente cristocêntrico nos sermões, muitos acabarão se tornando

¹⁷ LANGLEY, Ken. When Christ Replaces God At The Center Of Preaching. Disponível em <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://ehomiletics.com/willhite/2008_langley.pdf> Acesso em 25/09/2022 (tradução nossa).

¹⁸ HOLST, Matthew. Cristocêntrico ou Cristomônico. Disponível em <<https://cruciforme.com.br/cristocentrico-ou-cristomonico/>> Acesso em 25/09/2022

¹⁹ Ibid.

²⁰ ULISSES, Paulo. Cristocentricidade vs Cristomonismo: um resgate à ênfase trinitária. Disponível em <<https://teologiabrasileira.com.br/cristocentricidade-vs-cristomonismo-um-resgate-a-enfase-trinitaria/>> 25/09/2022

²¹ HOLST, Matthew. Cristocêntrico ou Cristomônico. Disponível em <<https://cruciforme.com.br/cristocentrico-ou-cristomonico/>> Acesso em 25/09/2022

crisomônicos. Deste modo: “*O grande e eterno amor do Pai pelos pecadores será diminuído e a contínua obra do Espírito em nós será perdida*”²², nas pregações. A solução para isto, entretanto, não é se desviar do propósito de sermos cristicêntricos na exposição, antes é o sermos de forma precisamente bíblica. É isto que veremos no próximo capítulo.

2. O QUE É UMA PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA?

Cientes do problema do cristomonismo nas pregações atuais, que intencionam ser cristicêntricas; neste capítulo buscaremos demonstrar que a pregação cristicêntrica é impreterivelmente contextualizada na obra redentiva trinitária e isso tem importantes implicações na aplicação do sermão.

2.1. A pregação cristicêntrica é, certamente, centrada em Cristo.

A centralidade de Cristo na pregação não se resume em meramente mencionar Cristo em nossos sermões. Timothy Keller adverte que é “*possível pregar no Novo Testamento e não pregar realmente Cristo e sua obra salvífica*”²³.

Paulo escreve aos Romanos: “*Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança*” (Rm 15.4). Comentando este texto, Bryan Chapell interpreta: “*Esquadrinhando o escopo da lei e dos profetas, o apóstolo é capaz de dizer que toda a Escritura foi planejada para nos dar esperança. Toda a Escritura tem um propósito redentor*”.²⁴ Preguar cristicentricamente é considerar o desígnio redentor presente nas Escrituras; é “*mostrar como cada texto contribui para o desdobramento da revelação da graça de Deus que culmina na pessoa e obra de Cristo*”.²⁵ O próprio Cristo afirmou e demonstrou que as Escrituras testificam dele (Jo 5.39; Lc 24.25-27).

Consequentemente, como observa Timothy Keller, “*Para compreender e explicar qualquer texto da Bíblia, é preciso situá-lo em seu contexto, o que*

²² Ibid.

²³ KELLER, Timothy. *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 80

²⁴ CHAPPELL, Bryan. *O Sermão Cristicêntrico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p.12

²⁵ Ibid., p. 13

*significa também inseri-lo no contexto canônico: a mensagem da Bíblia como um todo*²⁶. E qual é a mensagem da Bíblia? Por meio do Antigo Testamento compreendemos que o plano e a execução da salvação procedem tão somente do Senhor (Jn 2.9). Como argumentou Timothy Keller: “*Somos demasiadamente caídos para nos salvar a nós mesmos, falhos demais para manter nossa aliança com Deus. É preciso que haja uma intervenção radical da graça, que só pode provir do próprio Deus*”.²⁷ Da perspectiva do Novo Testamento, vemos como a salvação vem do Senhor. Ela vem tão somente por meio de Jesus Cristo. Deste modo, interpretar as Escrituras a partir do contexto canônico implica em entender de que maneira o texto bíblico aponta para o todo da mensagem bíblica, como o texto aponta para Cristo, para a salvação do evangelho, para o supremo propósito eterno de Deus.

Assim, num mundo em que as pessoas estão mortas em delitos e pecados, portanto inabilitadas para qualquer bem espiritual, proclamamos as boas novas de vida em Jesus Cristo. John Stott compreende:

O evangelho é Cristo crucificado, sua obra consumada na cruz. E pregar o evangelho é apresentar Cristo publicamente como crucificado. O evangelho não é, antes de mais nada, as boas novas de um nenê na manjedoura, de um jovem numa banca de carpinteiro, de um pregador nos campos da Galiléia, ou mesmo de uma sepultura vazia. O evangelho trata de Cristo na cruz.²⁸

Como declara Daniel Hyde:

Para pregar o evangelho puro, um ministro deve pregar que os pecadores são justificados somente pela graça gratuita de Deus, que é recebida somente pela fé, que em si mesma é um dom de Deus, e que essa fé é colocada e não se baseia em nada, exceto em Jesus Cristo, o Justo.²⁹

Como notou Chapel isso “*direciona inevitavelmente tanto pregador quanto o membro da igreja à obra de Cristo, como único adequado centro de nossos sermões*”³⁰. “*Isto significa*”, compreende Chapel, “*que a pregação não é simplesmente uma palestra instrutiva; é um evento redentor*”³¹. Por conseguinte,

²⁶ KELLER, Timothy. Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo, p.83

²⁷ Ibid., p. 83

²⁸ STOTT, John. A Mensagem de Gálatas. Editora ABU, 2018, p. 69

²⁹ HYDE, Daniel R. Marks of a true Church: pure preaching of the gospel <<https://www.ligonier.org/posts/marks-true-church-pure-preaching-gospel>> acesso em 27/09/2022 (Tradução nossa)

³⁰ CHAPEL, Bryan. Pregação Cristocêntrica: restaurando o sermão expositivo. São Paulo: Cultura Cristã, 2ª Edição, 2007, p. 32

³¹ CHAPPELL, Bryan. O Sermão Cristocêntrico, p. 9

o papel do expositor é, em seus estudos, descobrir o contexto redentor de cada texto.

2.2. A pregação cristocêntrica é trinitária

Reiterar que Cristo deve ser o centro de nossa pregação é reforçar o escopo redentivo das Escrituras, as boas novas de redenção, em Cristo. Como afirmou Timothy Keller “*Pregar Cristo significa pregar o evangelho. Pregiar o evangelho significa pregar Cristo, sua obra de salvação e sua graça...*”³².

O evangelho, porém, tem como base a Trindade. Não admitir isso, atribuindo a redenção somente a Cristo a despeito do Pai e do Espírito, é ser cristomônico. Nas palavras de J.I. Packer “*O evangelho é a declaração da Trindade em ação*”. Desenvolvendo esse princípio, Packer afirma:

o evangelho afirma que, desde a eternidade, havia em Deus mutualidade de amor e alegria (Jo 1.1, 2; 17.5, 24); que os homens foram criados para compartilhar desse companheirismo; que quando o pecado impossibilitou isso, Deus veio em pessoa - através da segunda pessoa, enviada pela primeira pessoa e dotada de poder pela terceira pessoa - a fim de salvar-nos; que Deus feito carne morreu por nós, agora vive por nós, une-nos consigo mesmo, conduz-nos a Deus Pai, e algum dia haverá de levar-nos para compartilhar de sua glória; que um Hóspede divino, o Espírito Santo, reside no crente, impulsionando-o à oração e transformando-lhe a natureza decaída; e que Jesus Cristo é o companheiro e amigo de cada crente, conferindo-lhe uma constante e cuidadosa atenção.³³

A pregação cristocêntrica, claramente, pressupõe o óbvio que nenhuma dessas maravilhosas realidades poderiam ter sido afirmadas, senão exclusivamente com base na obra coordenada do Pai, do Filho e do Espírito Santo na vida dos eleitos, efetuada no tempo e no espaço. Como destaca Paulo Ulisses:

Quando nos referimos, por exemplo, à pregação como “cristocêntrica” dizemos com isso que a mensagem salvadora de alguma forma (subordinada ao texto) deve estar presente – o homem que perdido em seus pecados estava condenado, é resgatado pela ação graciosa do Senhor –, mas isso não pode ser um pretexto para que enfatizemos uma Pessoa da Divindade em relação às outras, como se apenas pelo fato de mencionar ou focalizar Cristo estamos sendo cristocêntricos, nesse caso, estamos incorrendo despercebidamente em “cristomonismo”.³⁴

³² KELLER, Timothy. *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo*, p.80

³³ PACKER, J. I.. *Vocábulo de Deus*. São Paulo: Editora Fiel, 2ª Edição, 2017, p. 57

³⁴ ULISSES, Paulo. *Cristocentricidade vs Cristomonismo: um resgate à ênfase trinitária – Teologia Brasileira*. Disponível em < <https://teologiabrasileira.com.br/cristocentricidade-vs-cristomonismo-um-resgate-a-enfase-trinitaria/> >.

A pregação cristocêntrica com sua ênfase redentiva é aquela que compreende, como observou Herman Bavinck, a obra da salvação como sendo “*um empreendimento das três pessoas, no qual todas cooperam e cada uma realiza uma tarefa especial*”.³⁵ Pois, como declara Louis Berkhoff: “*A Escritura nos ensina a reconhecer certa economia na obra da criação e redenção*”³⁶. Esta compreensão demanda que tenhamos uma visão bíblica da pregação cristocêntrica que reflita a economia da Trindade na redenção.

2.3. A pregação cristocêntrica considera a obra do Pai

É o Pai que concebe, planeja e deseja a obra de salvação. Foi o Pai que “*nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade*” (Ef. 1.3-5). Como afirma Hermisten Maia: *Podemos dizer que a Eleição é um ato eterno da Santíssima Trindade, sendo efetivado mais especificamente pelo Pai como representante do Conselho Trinitário*.³⁷

Jesus consistentemente fez uma distinção essencial entre a relação que ele mesmo e que outros – os judeus, os discípulos – mantêm com o Pai (Mt 11.25–27; Lc 22.29; Jo 2.16; 5.17; 20.17). Ele chamou Deus de “seu próprio Pai” (Jo 5.18).³⁸ Nas Escrituras vemos claramente que, como declara Herman Bavinck:

O Filho é subordinado ao Pai, chama-o de seu Deus (Sl 22.2; Jo 20.17), é seu servo (Is 49s.) designado para cumprir uma tarefa (Is 53.10; Jo 6.38–40; 10.18; 12.49; 14.31; 17.4) e recebe uma recompensa (Sl 2.8; Is 53.10; Jo 17.4, 11, 17, 24; Ef 1.20s.; Fp 2.9s.) pela obediência cumprida (Mt 26.42; Jo 4.34; 15.10; 17.4–5; 19.30).³⁹

Paulo Ulisses reitera:

O próprio Senhor Jesus Cristo aponta que a operação de seu ministério tem como centro nevrálgico a obediência ao Pai: “*Porque eu descí do céu, não para fazer a minha própria vontade, mas a vontade daquele que me enviou*” (Jo 6.38). Essa postura de Cristo se repetirá várias vezes durante os evangelhos, demonstrando que a operação de sua

³⁵ BAVINCK, Herman. Dogmática Reformada V.3. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 221.

³⁶ BERKHOF, Louis. Teologia sistemática. São Paulo: Cultura Cristã, 4ª Edição, 2012, p. 722

³⁷ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Efésios: O Deus Bendito: Um Comentário Bíblico, Teológico e Devocional*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 33.

³⁸ BAVINCK, Herman. Dogmática Reformada V.2. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 279

³⁹ BAVINCK, Herman. Dogmática Reformada V.3., p. 220.

tarefa não está sendo executada de forma alguma a parte do Pai ou do Espírito⁴⁰

Deste modo, o pregador cristão deve se concentrar em Jesus Cristo, mas considerando-o como enviado por Deus Pai e que realizou a obra de Deus Pai e procurou a glória de Deus. Como declarou "Kaleb" Seo:

Jesus Cristo “o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém!” (Gl 1: 4–5). A Bíblia é uma história de redenção guiada por Deus. Ele desenhou o plano de salvação, enviou seu filho e o levantou dentre os mortos. Os pregadores devem pregar o caráter e os poderosos atos de Deus, a Trindade, não apenas da Segunda Pessoa da divindade [...] A obra redentora de Deus em Jesus Cristo deve ser pregada como o centro do evangelho. O público nunca deve sentir que Deus ou seu Filho são marginalizados do centro do evangelho.⁴¹

2.4. A pregação cristocêntrica considera a obra do Espírito Santo

O Espírito Santo não somente tem uma personalidade que lhe é própria, mas também tem um “*módus operandi*” distinto; “e, portanto”, conclui Berkhoff “*devemos distinguir entre a obra de Cristo merecendo a salvação, e a obra do Espírito Santo operando-a*”.⁴² A ação do Espírito Santo é o que torna efetivo em nós a obra de Cristo. “*É somente sob a direção do Espírito que tomamos posse de Cristo e de todos os seus benefícios*.”⁴³ Como declarou Hermisten Maia: “*sem as operações do Espírito, o ministério sacrificial de Cristo não teria valor objetivo para os homens, visto que os méritos redentores e salvadores de Cristo não seriam comunicados aos pecadores*”.⁴⁴ A ação do Espírito Santo é imprescindível na obra da salvação, no ministério de Cristo Jesus, na missão da igreja e na pregação. Como sintetizou Hernandes Dias Lopes:

Jesus foi concebido por obra do Espírito Santo. Foi revestido com o Espírito Santo em seu batismo. Cheio do Espírito Santo, venceu o diabo no deserto. Capacitado pelo Espírito Santo, deu início ao seu ministério de pregação, cura e libertação. Realizou prodígios pelo poder do Espírito Santo. E, subindo aos céus, derramou o Espírito

⁴⁰ ULISSES, Paulo. Cristocentricidade vs Cristomonismo: um resgate à ênfase trinitária. Disponível em < <https://teologiabrasileira.com.br/cristocentricidade-vs-cristomonismo-um-resgate-a-ênfase-trinitaria/> > 25/09/2022

⁴¹ SEO, Kyeongmin “Kaleb”. Christomonism: A Pitfall Of Christocentric Preaching. Disponível em <<https://preachingsource.com/blog/christomonism-a-pitfall-of-christocentric-preaching/>> Acesso em 25/09/2022 (tradução nossa).

⁴² BERKHOF, Louis. Teologia sistemática, p. 722

⁴³ CALVINO, João. *Exposição de 2Coríntios*. São Paulo: Parakletos, 1995, p. 271.

⁴³ Ibid., p. 271

⁴⁴ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Efésios: O Deus Bendito: Um Comentário Bíblico, Teológico e Devocional. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 33.

Santo sobre a igreja, para que ela fosse até os confins da terra, anunciando aos gentios tanto a salvação de Deus como o seu juízo.⁴⁵

O Espírito Santo regenera e passa a habitar em todos os eleitos. Assim, pelo poder do Espírito os salvos são capacitados ao viver santo. Como declarou “*A obediência ao evangelho é o resultado da obra regeneradora do Espírito Santo, a qual se evidencia nas vidas daqueles que verdadeiramente se arrependeram e creram em Jesus*”.⁴⁶ O Senhor Jesus envia o Espírito para que seus discípulos sejam suas testemunhas. Isso pressupõem tanto a proclamação quanto a coerência vivencial em relação ao que é proclamado.

O Espírito nos convence do pecado e do juízo, assim como nos leva ao profundo reconhecimento de Jesus como nosso Salvador. Arrependimento e fé, no entanto, não se restringem a nossa conversão, mas são os dois passos que marcam a jornada de todo cristão. Assim sendo, Quando ouvimos os imperativos de Deus na pregação, nossa primeira reação deve ser recorrer ao Espírito em oração, com o propósito de sermos convencidos do pecado e depositarmos a nossa confiança em Cristo em busca de perdão. Só assim cresceremos no conhecimento de Cristo, aprendendo a render obediência amorosa e voluntária a Deus. Do contrário, se o pregador avançar para uma aplicação cristomônica marcada pela frase “Jesus já fez tudo por você”, descartará a obra do Pai e do Espírito na santificação e perseverança. Matthew Holst exemplifica:

Se lermos o imperativo de Filipenses 2:12 “desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor” e saltarmos diretamente para a obra de Jesus na cruz, perdendo os pecados, perderemos o restante do ensino de Paulo: “porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”. O desafio do imperativo é encontrado na obra do Deus Triúno – Pai, Filho e Espírito Santo, operando em e através do crente na santificação. Simplesmente afirmar “não posso desenvolver minha salvação, Jesus fez isso por mim” é esvaziar o imperativo de 2:12, que é um chamado à fé e obediência resoluta. Isso nega a contínua obra de Deus no crente.⁴⁷

Portanto, a pregação cristocêntrica contextualizada na obra redentora trinitária é o modo bíblico de preservarmos o grande e eterno amor do Pai pelos

⁴⁵ LOPES, Hernandes Dias. *Mateus: Jesus, o Rei dos Reis*. Comentários Expositivos Hagnos. São Paulo: Hagnos, 2019, p. 390.

⁴⁶ BLEDSOE, David Allen. *Igreja regenerada: uma eclesiologia bíblica, histórica e contemporânea*. São José dos Campos – SP: Fiel, 2022, p. 106

⁴⁷HOLST, Matthew. *Cristocêntrico ou Cristomônico*. Disponível em <<https://cruciforme.com.br/cristocentrico-ou-cristomonico/>> Acesso em 25/09/2022

pecadores e a contínua obra do Espírito que nos transforma dia após dia. A tese defendida nesse trabalho é que os puritanos compreenderam essa verdade, por isso serão apresentados nessa obra como um paradigma de pregação cristocêntrica sem traços do discreto e pernicioso cristomonismo.

3. OS PURITANOS E A PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA

3.1. O puritanismo

O puritanismo foi um movimento que surgiu na Inglaterra durante a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII. O termo “puritanismo” foi usado pejorativamente com frequência. Joel Beeke esclarece que “*Para William Perkins (1558–1602), frequentemente chamado o pai do puritanismo, este era “um termo vil” que descrevia a pessoa com tendência perfeccionista*”⁴⁸. Esta origem depreciativa do termo expressa a imagem que a maioria das pessoas tem do puritanismo. “*Cunhado cedo, nos anos 1560*”, elucida Leland Ryken, esta expressão:

Sempre foi uma palavra satírica e ofensiva, subtendendo mau humor, censura, presunção, e certa medida de hipocrisia, acima e além da sua implicação básica de descontentamento, motivado pela religião.⁴⁹

Embora a palavra tenha também ganhado conotação política em referência de ser contra a monarquia Stuart e a favor de algum tipo de republicanismo, a referência mordaz e pejorativa do termo são as que permaneceram. Entretanto, como esclarece o historiador eclesiástico Justo González, o propósito deste movimento:

era “purificar” de todas as práticas papistas, particularmente no que se refere ao culto e ao governo da igreja e, desse modo restaurar o cristianismo “puro” do Novo Testamento — de onde deriva o nome “puritanismo”.⁵⁰

Ou como apaixonadamente asseverou J.I. Packer:

O alvo dos Puritanos era completar aquilo que fora iniciado pela Reforma inglesa: terminar de reformar a adoração anglicana, introduzir uma disciplina eclesiástica eficaz nas paróquias anglicanas, estabelecer a retidão nos campos político, doméstico e

⁴⁸ BEEKE, Joel. Espiritualidade Reformada: Uma Teologia Prática para a Devoção a Deus. São José dos Campos - SP: Fiel, 2014, p. 381.

⁴⁹ RYKEN, Leland. Santos no mundo: os puritanos como realmente eram. São José dos Campos – SP: Fiel, 2013, 2º ed., p. 9

⁵⁰ GONZÁLEZ, Justo. Breve Dicionário de Teologia. São Paulo - SP: Hagnos, 2009, p. 271.

socioeconômico, e converter todos os cidadãos ingleses a uma vigorosa fé evangélica.⁵¹

Os objetivos dos puritanos se justificavam devido a realidade da igreja no período Elisabetano. Com a ascensão ao trono de Elizabeth I (1558-1603), a igreja anglicana assumiu seu caráter distinto, que como afirma Bruce Sheeley, era “*nem romano nem reformado*”.⁵² Na perspectiva puritana, como declara Leland Ryken: “*A Igreja da Inglaterra permanecia “reformada apenas pela metade”. Eles desejavam “purificar” a igreja dos vestígios restantes de cerimônia, ritual e hierarquia católicos*”.

Por ordem de prioridade, J.I. Packer expõe os meios de transformação empregados pelos puritanos a fim de reformar a igreja e sociedade da época: “*Por meio da pregação e do ensino do evangelho, bem como da santificação de todas as artes, ciências e habilidades, a Inglaterra teria de tornar-se uma terra de santos, um modelo e protótipo de piedade coletiva...*”⁵³. Semelhantemente aos seus antecessores, os primeiros protestantes e reformados, o principal meio de revitalização da doutrina bíblica e transformação social era a pregação da Palavra de Deus.

É fato de que: “*Para os puritanos, a Bíblia era a coisa mais valiosa do mundo. O puritanismo significava reformar toda a vida sob a autoridade única da Bíblia*”.⁵⁴ Deste modo, como escreve Michael Reeves:

O traço mais importante que deixa os puritanos tão incompreendidos é o que os une a todos: seu amor apaixonado à Bíblia, ao estudo bíblico e à audição de sermões. Repetidas vezes ouvimos sobre puritanos que viajavam com alegria, durante horas, para ouvir um bom e longo sermão, e como eles consideravam um bom estudo bíblico melhor que uma noite dançante. Sermões de até sete horas não eram novidade.⁵⁵

Paulo Anglada atenta-se ao fato de que:

Os pregadores puritanos, assim como os reformadores, foram intérpretes cuidadosos e grandes expositores bíblicos. Eles logo compreenderam a importância da pregação como instrumento indispensável para a preservação dos princípios da Reforma, e concederam a ela o devido lugar no culto e na vida da igreja.

⁵¹ PACKER, J.I. Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã. São José dos Campos – SP: Fiel, 1996, p 25

⁵² SHELLEY, Bruce. História do cristianismo. São Paulo – SP: Thomas Nelson Brasil, 2018, p. 376

⁵³ PACKER, J.I. Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã, p. 24

⁵⁴ REEVES, Michael. A chama inextinguível: descobrindo o cerne da reforma. Brasília – DF, 2018, p.

⁵⁵ Ibid.,

Joseph Pipa endossa:

Os puritanos consideravam a pregação como a função principal do pastor e fundamentavam esta convicção no fato de a pregação ter sido o trabalho principal de Cristo e dos apóstolos. Portanto, aderiram firmemente ao princípio da centralidade da pregação no culto.⁵⁶

Conforme a tradição dos apóstolos e João Calvino, “os puritanos acreditavam que quando um homem ordenado (pela Igreja) para pregar, expunha a Palavra de Deus, Cristo estava falando através dele”.⁵⁷ Dessa forma, o puritano William Bradshaw (1571-1618) afirmava que: “O supremo ofício e autoridade do pastor está em pregar o evangelho solenemente e proclamá-lo à congregação, interpretando a Palavra escrita de Deus, exortando e aplicando-a”.⁵⁸ Não por acaso, Joel Beeke assegura que o movimento puritano “foi denominado a idade de ouro da pregação”.⁵⁹

Os puritanos tinham um senso profundo de que Deus edifica sua igreja especialmente pela instrumentalidade da pregação. “Esse entendimento”, compreende Beeke, “criou uma atmosfera em que a pregação ficava no centro da adoração e da devoção”.⁶⁰ Assim, os puritanos ingleses se recusaram a se conformar à estrutura da Igreja Anglicana. Comprometidos com a pregação fiel das Escrituras e com a tradição reformada, estes homens iniciaram uma nova era da história da pregação. Muitos desses pregadores puritanos, como atesta Dwayne Millioli, “foram à Universidade de Cambridge e promoveram um estilo claro e direto de pregação para proclamar as verdades das Escrituras aos cultos e incultos igualmente”.⁶¹ Os puritanos estavam convictos de que a Bíblia é a fonte para a ética correta aplicada à família, trabalho, cultura e igreja. Por isso, se empenharam em pregá-la.

⁵⁶ PIPA, Joseph. Sermão Puritano: Um novo modelo de exposição. <http://www.monergismo.com/textos/pregacao/sermaopuritano2.htm> Acesso em 27/09/2022

⁵⁷ PIPA, Joseph. Sermão Puritano: Um novo modelo de exposição. <http://www.monergismo.com/textos/pregacao/sermaopuritano2.htm> Acesso em 27/09/2022

⁵⁸ DAVIES, Horton, *The Worship of the English Puritan*. Soli Deo Gloria, 2^o Ed., 1997, p. 94

⁵⁹ BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. *Teologia Puritana: doutrina para a vida*. São Paulo – SP: Vida Nova, 2016, p. 963.

⁶⁰ BEEKE, Joel R. *Pregação Reformada*. São José dos Campos – SP: Fiel, 2019, p. 212.

⁶¹ FORREST, Benjamin K.; KING, Kevin L.; CURTIS, Bill; MILLIONI, Dwayne. *A história da pregação: a vida, teologia e método dos maiores pregadores da história*. V.1. Rio de Janeiro – RJ, 2020, p. 427

3.2. A Pregação Cristocêntrica entre os Puritanos

Há bons escritores que propuseram descrever as características da pregação puritana. Joel Beeke a entende como sendo inteiramente bíblica, ousadamente doutrinal, experiencialmente prática, holisticamente evangelística e intencionalmente equilibrada tanto na doutrina, quanto na prática.⁶² Joseph PIPA, considerou que os puritanos criam que Cristo falava ao seu povo através da pregação, assim esta pregação deveria ser: bíblica, lógica, de fácil memorização, clara e transformadora.⁶³ Por sua vez, J.I. Packer descreve a pregação puritana como sendo: expositiva em seu método, doutrinária em seu conteúdo, ordeira em seu arranjo, popular em seu estilo, cristocêntrica em sua orientação, experimental em seus interesses, efetiva em sua aplicação e poderosa em sua maneira de ser.⁶⁴ Leland Ryken a vê como: popular e impactante, que valorizava o intelecto, expositiva, organizada, doutrinariamente aplicável, apelava aos afetos e era simples.⁶⁵ Errol Hulse a resume como sendo: expositiva, progressiva ou sistemática, exegética, doutrinária, estrutural, aplicativa (pastoral), prática, experimental, trinitária, evangelística, poderosa (impelindo espiritualmente) e popular (relevante e atrativa).⁶⁶ Dentre as características da pregação puritana, por ora, nos ateremos ao seu aspecto cristocêntrico. Mais a frente destacaremos seu aspecto trinitário.

A pregação reformada é especialmente cristocêntrica. Anglada cita Harman, o qual compreende que na tradição reformada, “*O Antigo Testamento bem como o Novo Testamento são apresentados, lembrando que ambos testamentos têm em seu ponto focal em Cristo*”. Herdeiros dos reformados, os puritanos seguiram essa tradição de perto.

Para os puritanos Cristo é o tema das Escrituras. J.I. Packer comprova essa premissa em sua citação do puritano Thomas Adams: Ele é: “*a sùmula de toda a Bíblia, profetizada, tipificada, prefigurada, demonstrada, que se acha em cada página, quase em cada linha, pois as Escrituras são, por assim dizer, as roupas de nenê que envolvem o menino Jesus*”.⁶⁷ Portanto, conclui Isaac

⁶² BEEKE, Joel R. Espiritualidade Reformada, p. 217

⁶³ PIPA, Joseph. Sermão Puritano: Um novo modelo de exposição. <http://www.monergismo.com/textos/pregacao/sermaopuritano2.htm> Acesso em 27/09/2022

⁶⁴ PACKER, J.I. Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã, pp. 305-311

⁶⁵ RYKEN, Leland. Santos no mundo: os puritanos como realmente eram, pp. 168-190

⁶⁶ HULSE, Errol. Quem foram os puritanos? São Paulo: PES, 2004, p. 211

⁶⁷ PACKER, J.I. Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã, p.111

Ambrose, “*Tenha Jesus diante de seus olhos ao examinar a Bíblia, como o fim, escopo e substância da mesma*”.⁶⁸

Deste modo, a razão de ser da pregação, bem como seu valor, conforme os puritanos, residia na dignidade da Pessoa de Cristo Jesus. Mark Dever, citando Richard Sibbes, comprova:

o principal meio que Cristo usava para preparar os corações para a salvação era pelo “ministério do evangelho”. “Na religião, o ouvir gera o enxergar. A morte veio primeiro pelo ouvir. Quando Adão deu ouvidos à serpente, o que ele não deveria ter feito, a morte veio pelo ouvir. Então, a vida vem pelo ouvir”. A pregação é a carruagem que carrega Cristo pelo mundo. Não há proveito em Cristo, exceto por meio da pregação”. Portanto, “a ordenança da pregação é a dádiva de todas as dádivas. Deus assim a considera; Cristo assim a considera. Então, é assim que devemos considerá-la também”.⁶⁹

Apesar dos dados acima, há críticos, conforme Mark Noll, que sugerem que os sermões e obras puritanas carecem de enfoque cristológico.⁷⁰ Em sua obra *Tudor Puritanism*, Marshall Knappen argumenta que os puritanos mostraram uma “*surpreendente falta de pensamento cristológico*”.⁷¹ William Ames (1576-1633) declara que o “*Cristocentrismo de Martinho Lutero não é compartilhado pela maioria dos puritanos ingleses*”.⁷² A resposta de Noll é categórica:

Tendo examinado de perto os escritos dos puritanos, é difícil acreditar que esses estudiosos tenham passado algum tempo lendo os puritanos. Não existe, a meu ver, um período na História da Igreja em que ocorreram mais escritos devocionais cristológicos do que na era puritana.

Sidney Greidanus diz que “*pregar Cristo é proclamar alguma faceta da pessoa, da obra ou do ensino de Jesus de Nazaré, para que as pessoas possam crer nele, confiar nele, amá-lo e obedecer a ele*”.⁷³ Sendo assim, os puritanos pregaram a Cristo. Vejamos!

⁶⁸ Ibid., p. 112

⁶⁹ DEVER, Mark. Um Perfil de Homens Piedosos: A Teologia Afetuosa de Richard Sibbes. São José dos Campos – SP: Fiel, 2018, p. 66

⁷⁰ HAYKYN, Michael A.G.; SMALLEY, Paul M. Piedade Puritana. Natal – RN: NR Publicações, 2022, p. 52

⁷¹ KNAPPEN, M.M. Tudor Puritanism. Chicago: University of Chicago Press, 1939, p. 376 (nossa tradução).

⁷² EUSDEN, J.D. Introduction to The Marrow of Theology, of William Ames. Durham: Labyrinth Press, 1968, p.20 (nossa tradução).

⁷³ GREIDANUS, Sidney. Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento. São Paulo – SP: Cultura Cristã, p. 22

3.3. A Pessoa de Cristo Jesus na pregação puritana

Para os puritanos a Pessoa de Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, “é o *clímax da revelação de Deus sobre si mesmo*”.⁷⁴ Jesus Cristo é o Filho de Deus, o Messias prometido, nosso profeta, rei e sacerdote. Em o “Caniço ferido”, Richard Sibbes, aplica seu sermão declarando:

O primeiro e principal fundamento de nosso conforto é que Cristo, como sacerdote, ofereceu-se como sacrifício a seu Pai por nós. A alma culpada foge primeiramente para Cristo crucificado, feito maldição por nós. Por isso é que Cristo tem direito de nos governar...⁷⁵

Nas obras e nos sermões puritanos, Cristo nunca era retratado como uma ideia ou uma mera personagem do passado. Antes, ele é o Deus sempre presente e relacional. Samuel Rutherford declara essa verdade em termos afetuosos:

Quer seja com o ardor da vara, quer seja com a glória da coroa que Deus se aproxima aos seus filhos, se ele próprio se aproxima, então não há o que temer. Seja bem-vindo, seja recebido, Senhor Jesus, não importando se na dor ou na glória, basta que possamos contemplá-lo. Ora, estou certo de que é melhor estar enfermo com Cristo ao lado do meu leito, fechando as cortinas e afirmando “Sê corajoso; eu sou a tua salvação”, do que ter saúde e força, mas sem nunca receber a visita de Deus. Muitas são as cabeças reclinadas no seio de Cristo, mas, mesmo entre as demais, há espaço para a sua.⁷⁶

Além disso, “*Os puritanos olharam para a Pessoa de Cristo, durante seu tempo na Terra, como alguém a ser imitado em suas ações e palavras relativas à Lei Moral de Deus*”.⁷⁷ Mark Jones cita Charnock:

Aqueles que reivindicam uma relação com Deus sem imitá-LO não são filhos, mas bastardos. Eles podem ser da família dEle por instrução, não por descendência. Não há implantação em Cristo, sem uma imitação do Criador e do Redentor⁷⁸

Com receio de uma prédica moralista, muitos pregadores se sentem desconfortáveis com a ideia de imitarmos a Jesus. Na busca da precisão teológica e na justificável intenção de lembrar os crentes que somos salvos pela graça, não por obras, evita-se a compreensão teológica da *Imitatio Christi*. Holst nos lembra que a mensagem de que “*Jesus já fez tudo e não precisamos fazer nada*” tem traços característicos de cristomonismo.

⁷⁴ Ibid., p. 23

⁷⁵ SIBBES, Richard. O Caniço Ferido. Editora Monergismo. Edição do Kindle.

⁷⁶ RUTHERFORD, Samuel. A beleza de Cristo. São Paulo – SP: Trinitas, 2021, p. 25

⁷⁷ JONES, Mark. O conhecimento de Cristo. Brasília-DF: Monergismo, 2018, p. 52

⁷⁸ Ibid., p. 54

Quando a Lei é pregada em nossas igrejas (conforme ela deve ser pregada) e a única aplicação é “você não pode guardá-la, mas Jesus pôde”, provavelmente você está ouvindo uma pregação cristomônica.

É fato que somos justificados pela vida de perfeita obediência e pela morte de Jesus Cristo. Nossa dívida foi paga com sua morte. Seus méritos, decorrentes de sua vida de perfeita obediência e impecabilidade, foram imputados em nossa conta. O Espírito nos une a Cristo. E por meio de Cristo, somos declarados justos pelo Pai! As obras para a nossa salvação foram realizadas por Cristo. Agora, no entanto, fazemos obras como evidência de que somos salvos, atestando que estamos sendo santificados pelo Espírito. Jesus Cristo é a razão da nossa salvação e o modelo para a nossa santificação. Como afirmou Mark Jones:

Os puritanos não ignoravam as armadilhas potenciais do legalismo, e é por isso que a sua ética pastoral estava firmemente fixada na imitação dAquele que é, em primeiro lugar, nosso Salvador; e, em segundo lugar, nosso exemplo.⁷⁹

3.4. A Obra de Cristo Jesus na pregação puritana

A pregação puritana “*girava em torno de “Cristo, e este crucificado” – visto que ai está o eixo da Bíblia*”.⁸⁰ Stephen Charnock declara:

Consideramos atentamente o Cristo crucificado, o remédio para todas as nossas desgraças. Sua cruz assegurou uma coroa, sua paixão fez expiação por nossa transgressão. Sua morte tirou o poder da lei, seu sangue lavou a alma do crente. Sua morte é a destruição de nossos inimigos, a fonte de nossa felicidade e o testemunho eterno do amor divino.⁸¹

Os puritanos afirmavam haver três coisa relacionadas na purificação do pecado operado por Cristo.⁸² Em primeiro lugar, a substituição. Quanto a isso Thomas Adams afirma: “*Ele tomou sobre Si mesmo a nossa pessoa. Ele tornou-se fiador por nós. E, eis! Agora, a conduta da justiça pode proceder contra Ele! Ele que vai se tornar um fiador e tomará sobre Si a dívida deve ser capaz de pagá-la*”.⁸³ Na salvação, Jesus toma o nosso lugar, assume os nossos pecados e nos outorga seus méritos.

⁷⁹ Ibid., p. 55

⁸⁰ PACKER, J.I. Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã, p. 307

⁸¹ BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. Teologia Puritana, p. 519

⁸² Ibid., p. 523

⁸³ ADAMS, Thomas. A paixão de Cristo. <

<https://docs.google.com/file/d/0ByMRQ3bAxEvTd1drd0R2SUpyQ3c/edit?resourcekey=0-Vg4-K0P2-qmbDi7x5BASiA> > Acesso em 03/10/22

Intimamente ligada a substituição, havia em segundo lugar a imputação. Este é o aspecto forense da substituição. Na imputação Deus atribui a Cristo a injustiça dos pecadores e atribui aos ímpios a justiça de Cristo. Kolb e Trueman atestam o emprego desta doutrina pelos puritanos: “no século XVII, o teólogo inglês, congregacionista e puritano John Owen faz numerosas referências a Lutero em seus escritos. Ele o cita como autoridade na imputação da justiça de Cristo”.⁸⁴ Joel Beeke cita Charnock: “Não somos justos diante de Deus devido a uma justiça intrínseca, mas devido a uma justiça imputada, como também Cristo não se fez pecado devido a uma culpa intrínseca, mas a uma culpa imputada.”⁸⁵

Por fim, a justificação, “que consiste no perdão dos pecados e no direito à vida eterna”.⁸⁶ J.I. Packer sintetiza o conceito de justificação como pregado pelos puritanos em sete pontos, são eles: 1) Todo homem enfrentará o tribunal de Deus; 2) todo homem é pecador, não conformado à lei de Deus e por isso só pode esperar a ira divina; 3) a justificação é o ato judicial pelo qual Deus perdoa o pecador e o aceita como justo e o recebe como filho; 4) A fonte da justificação é a graça divina e não o esforço humano; 5) a base da justificação é a retidão vicária e o derramamento do sangue de Cristo, não os nossos méritos; 6) a fé em Jesus é o meio da justificação; 7) o fruto da fé é o arrependimento evidente e uma vida de boas obras.⁸⁷ Com base no extenso ensino da justificação pela fé, temos infinitas provas que os puritanos pregavam a obra de Cristo em seus sermões.

3.5. O Ensino de Cristo Jesus na pregação puritana

Quanto ao ensino de Jesus, Greidanus esclarece que este:

“incluía não apenas ensinamentos sobre ele mesmo (Filho do Homem, Messias), sua missão e sua volta, como também ensinamentos sobre Deus, o reino de Deus, a aliança de Deus, a lei de Deus (por ex., Mt 5-7), e assim por diante.

Nesse sentido, todo ensino verdadeiramente bíblico é o ensino de Jesus. Richard Sibbes declarou que: “*Enquanto o ministro fala ao ouvido, Cristo ao*

⁸⁴ KOLB, Robert; TRUEMAN, Carl R. Entre Wittenberg e Genebra: Teologia Luterana e Reformada em Diálogo. Brasília - DF: Editora Monergismo, 2017, p. 164.

⁸⁵ BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. Teologia Puritana: doutrina para a vida, p. 523

⁸⁶ Ibid., p. 524

⁸⁷ PACKER, J.I. Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã, p. 167

mesmo tempo fala, abre e destranca o coração".⁸⁸ A pregação legitimamente bíblica, para os puritanos, era o próprio Cristo falando por meio de seu ministro.

O sermão puritano tanto apontava para obra redentora de Cristo na cruz, bem como era entendido como acompanhado da persuasiva obra de Cristo, mediante seu Espírito, no coração do eleito. Ou seja, na pregação "*o coração se abre, não por seu próprio poder, mas pelo poder de Cristo*".⁸⁹ A pregação bíblica é o ensino de Cristo, que aponta para Ele e que depende da atuação dele, por meio do Espírito, nos corações para que seu ensino seja realmente compreendido e vivido. Dentre muitos, neste aspecto, os puritanos seguiram de perto o ensino de Calvino:

Só Deus é testemunha idônea de sua Palavra, também não se dará fé à Palavra no coração dos homens sem o testemunho interior do Espírito. Portanto, é necessário que o Espírito que falou pela boca dos profetas penetre em nosso coração, para que sejamos persuadidos de que proferiram fielmente o mandamento divino.⁹⁰

William Perkins declarou: "*A maneira como somos persuadidos é a seguinte: os eleitos, tendo o Espírito de Deus, antes de mais nada discernem a voz de Cristo falando nas Escrituras*".⁹¹ Aqui, observa-se que a obra redentora de Cristo ministrada ao pecador, por meio de seu ensino, nunca é um evento cristomônico. Fica evidente a necessidade da atuação do Espírito na pregação a fim de que o homem seja persuadido pelo ensino de Cristo.

Portanto, como salientado, os puritanos eram cristocêntricos em suas obras e pregação. Acrescenta-se que os puritanos não apenas consideravam a persuasão do Espírito na pregação, mas também compreendiam a obra, pessoa e ensino de Cristo no arcabouço da doutrina da Trindade. Tornando-os, deste modo, cristocêntricos e não cristomônicos. Assim, o capítulo final propõe esclarecer os conceitos-guias que salvaguardaram esse aspecto e como eles podem também nos ser úteis.

⁸⁸ DEVER, Mark. Um Perfil de Homens Piedosos: A Teologia Afetuosa de Richard Sibbes, p. 27

⁸⁹ Ibid.,

⁹⁰ CALVINO, João. A Instituição da Religião Cristã. São Paulo-SP: UNESP, 2008, pp. 74-75

⁹¹ PERKINS, William. A arte de profetizar. Brasília-DF: Monergismo, 2018, p. 31

4. A PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA PURITANA COMO UM PARADIGMA

O pregador atual pode em muito se beneficiar das obras e sermões dos puritanos. Como notou J.I. Packer “*Aprender com os heróis do passado cristão, sob qualquer aspecto, é uma importante dimensão daquele companheirismo edificante, cujo nome apropriado é a comunhão dos santos*”.⁹² Referindo-se ao auxílio que os pregadores do passado podem prestar aos ministros contemporâneos, o Dr. Martyn Lloyd-Jones declarou:

Leiam os sermões de Spurgeon, de Whitefield, de Edwards e de todos os gigantes. Esses homens, por sua vez, liam os escritos dos puritanos e foram tremendamente ajudados por eles. Até parece que se nutriam dos puritanos. Que o jovem pregador, por sua vez, se alimente deles ou talvez que seja conduzido aos puritanos por intermédio deles⁹³.

Ainda que esta seja uma sugestão geral, considero-a válida para aqueles que querem ser cristocêntricos sem cometer o descuido crísmônico.

Os sermões puritanos eram repletos de referências a obra redentora de Cristo contextualizada na obra redentora da Trindade. Como observou Packer: “*Para eles, pregar o evangelho significava nada menos do que declarar o propósito completo da redenção, a obra salvadora operada pelas três Pessoas da Trindade*”.⁹⁴ Esta realidade fica patente nas palavras do puritano Thomas Manton:

A sùmula do evangelho é esta: todos aqueles que, mediante o verdadeiro arrependimento e a fé, abandonam a carne, o mundo e o diabo, e se entregam a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, como seu criador, redentor e santificador, encontrarão Deus como um Pai, o qual os aceita como seus filhos reconciliados, perdoando seus pecados por causa de Cristo, e conferindo-lhes graça por meio do seu Espírito.⁹⁵

Para os puritanos a Trindade está empenhada na aplicação da redenção ao eleito. Quanto a isto, Joel Beeke cita William Perkins:

Cada pessoa aplica a si mesmo, particularmente, Cristo com seus méritos, por meio de uma persuasão interior, do coração, que não surge de outra maneira, senão pela certificação efetiva do Espírito Santo concernente à misericórdia de Deus em Cristo Jesus.⁹⁶

⁹² PACKER, J.I. Entre os gigantes de Deus, p. 13

⁹³ LLOYD-JONES, David. Martyn. Pregação e pregadores. São José dos Campos – SP: Fiel, 2° Edição, 2008, p. 141

⁹⁴ PACKER, J.I. Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã, 182

⁹⁵ Ibid., p.182

⁹⁶ BEEKE, Joel R. Pregação Reformada, p. 238

O cuidado dos puritanos em relacionar a obra de Cristo à obra redentora da Trindade pode ser visto nas aplicações dos sermões puritanos, explicado a partir de seu contexto histórico e mais bem compreendido quando considerado o pressuposto hermenêutico-teológico. Estes princípios práticos, históricos e hermenêuticos-teológicos podem e devem ser considerados pelo pregador contemporâneo que intenciona ser cristocêntrico sem ser cristomônico em sua abordagem.

4.1. A pregação cristocêntrica puritana era trinitária em sua aplicação

Perkins, em seu clássico livro, “A arte de Profetizar”, faz constantes referências a doutrina da Trindade. Tratando a respeito dos “Princípios para a interpretação das Escrituras”, Perkins orienta os pregadores a considerarem as ameaças e as promessas de Deus. Deste modo, ele menciona a promessa do Pai em enviar ao Filho⁹⁷. Em seguida, instrui: *“referências a apenas uma das Pessoas da Divindade não excluem as outras Pessoas”*.⁹⁸ Sobre o correto manejo das Escrituras, a doutrina da Trindade, é mais uma vez usada como exemplo a fim de explicar a passagem de Provérbios 8.22: “O Senhor me possuía no início de sua obra”. *“O Pai possui o Filho, porque ele foi gerado do Pai desde a eternidade, e porque o Pai está no Filho, e o Filho está no Pai”*,⁹⁹ argumenta Perkins. Esta característica na mais conhecida obra homilética, entre os puritanos, endossa o entendimento de Packer de que os sermões puritanos se distinguem como sendo:

textuais e expositivos, práticos e aplicativos, analíticos e completos. São uniformemente doutrinários – em outras palavras, seu tema real sempre é Deus e os seus caminhos, mesmo quando o objeto formal em consideração é o ser humano”.¹⁰⁰

Em seu sermão sobre “a certeza da vida eterna” o Pastor Puritano Thomas Doolittle (1630-1707) declara, com base em 2Coríntos 1.21-22, que não somente o Espírito, mas a Trindade está empenhada em confirmar a salvação e perseverar os eleitos:

A Pessoa que sela? “O Pai”. 2. Em quem? “Em Cristo”. 3. Com que selo? “O Espírito da promessa”, onde estão todas as Pessoas da

⁹⁷ PERKINS, William. A arte de profetizar. Brasília-DF: Monergismo, 2018, p. 57.

⁹⁸ Ibid., p. 57

⁹⁹ Ibid., p. 72

¹⁰⁰ PACKER, J.I. Entre os gigantes de Deus, p.181

Trindade que nos dão a certeza de nossa herança. 4. Quando? “Depois que você creu”. [...] Por quanto tempo este selo nos assegurará assim? Até que tenhamos a posse completa do que é “um penhor”.¹⁰¹

O Rev. Thomas Patient em seu sermão intitulado “*A doutrina do Batismo e a Distinção das Alianças*” insere no centro de seus pontos principais a doutrina da Trindade. Ele demonstra como o Pai, o Filho e o Espírito Santo se revelam de maneiras distintas na economia da Trindade. Deste modo, ele explica que é o Espírito Santo que revela o grande amor de Deus, o Pai:

através do dom de Cristo, a propiciação por seus pecados e que morreu pelo pior dos pecadores; e que acredita nisso, e que tem seu coração transformado de uma conduta pecaminosa para renovada obediência. Pois ninguém pode declarar ao ministro ter verdadeiramente se convertido, a não ser através do conhecimento da obra do Pai, Filho e Espírito.¹⁰²

Nesta citação, como se pode ver, a obra redentora do Filho é claramente enquadrada na economia trinitária.

A doutrina da Trindade era evocada para abordar outros assuntos. A respeito da “*Especial origem da instituição da Igreja Evangélica*”, John Owen entende o envio dos apóstolos como uma reverberação da missão dada ao Filho pelo Pai.

Cristo enviou-lhes, como o Seu Pai O enviou; e Ele foi tão enviado do Pai, de forma que “permanecerá, e apascentará ao povo na força do Senhor, na excelência do nome do Senhor seu Deus” (Miquéias 5:4). Assim eles alimentaram as ovelhas de Cristo em Sua força, e na autoridade ou majestade de Seu nome.¹⁰³

Para Owen, até mesmo a autoridade de Cristo sobre a Igreja é ambientada na relação do Pai com o Filho:

Sobre a doação do Pai: Ele O constituiu “herdeiro de tudo” (Hebreus 1:2-3). Ele Lhe deu “poder sobre toda a carne” (João 17:2). Especialmente Ele Lhe deu e colocou em Sua absoluta disposição todos aqueles que devem ser a Sua igreja¹⁰⁴

Em seu sermão sobre “Como devemos orar”, Thomas Boston relaciona a oração a obra da Trindade: “*Mas todas essas orações, sendo o fruto do Espírito*

¹⁰¹ NICHOLS, James. Puritan Sermons, vol. 1. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981, p., 267–268.

¹⁰² BOSTON, Thomas; EDWARDS, Jonathan; OWEN, John; PATIENT, Thomas; BURROUGHS, Jeremiah. 5 Sermões Puritanos, Volume VII São Paulo – SP: O Estandarte de Cristo, 2016, Edição do Kindle (posição, 134).

¹⁰³ Ibid., p. 134

¹⁰⁴ Ibid., p. 134

*de Deus nos santos, são apresentadas pelo Mediador; e são aceitas, ouvidas e respondidas pelo Pai*¹⁰⁵.

O Rev. Edward Veal, em seu sermão sobre “O conhecimento espiritual que devemos buscar e os meios para alcançá-lo”, argumenta que os homens devem, em sua busca, conhecer primeiro os princípios essenciais para a salvação. O primeiro é conhecer o Ser e os atributos de Deus. Estes devem ser entendidos como o fundamento para o serviço e recompensa em Deus. Deste modo, Veal questiona: Aquele que não sabe que Deus é santo, como pode saber que Deus exige santidade (Hb 11.6). E então como ele pode ser santo? Como um homem pode confiar em Deus, se Ele não é conhecido por ser sábio, poderoso, fiel? Ou amá-lo, se ele não é conhecido por ser bom?” O segundo princípio essencial, conforme Edward Veal, é a doutrina da Trindade:

Três pessoas na divindade, o Pai, Filho e Espírito; Cada pessoa que tem sua própria parte na salvação dos pecadores: o Pai como a origem e a fonte dela (João 6:57), o Filho como Administrador (João 14:16) e o Espírito Santo como o aplicador. (João 15:26.).¹⁰⁶

Pregando sobre “A santificação do Shabath”, o pastor puritano Thomas Case ensina que a partir dessas palavras, “meu santo dia”, devemos encarar o Dia do Senhor como uma instituição divina; não uma ordenação humana. O sábado tem um jus divinum [“um direito divino”]. *“Certamente é a voz da gloriosa Trindade que a chama de “meu dia santo”; Deus Pai por criação, Deus, o Filho por redenção, e Deus, o Espírito Santo, santificação*”.¹⁰⁷ Mais a frente Case estabelece a guarda do Dia do Senhor nas obras da Pessoa da Trindade e nosso objetivo de glorificar a Trindade, isso acontece, quando no Dia Santo:

Atribuimos a Deus, o Pai, a glória da obra maravilhosa da criação [...] Quando atribuimos a Deus, o Filho, a glória de sua gloriosa obra da redenção [...] Da mesma forma, glorificamos o Espírito Santo, quando atribuimos a ele a honra da obra de santificação.¹⁰⁸

Tratando do tema *“Como um cristão pode ter uma fé não somente salvífica, mas confortável e alegre no presente”*, o Rev. Christopher Fowler entende que este viver é uma graça que procede do Deus Trino. Ou seja, “para

¹⁰⁵ Ibid., p. 134

¹⁰⁶ NICHOLS, James. Puritan Sermons, vol. 2. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981, p. 6.

¹⁰⁷ Ibid., p. 32–33.

¹⁰⁸ Ibid., p. 32-33

que haja graça recebida, deve haver graça fornecida”. Assim, os fundamentos da perseverança, na jornada cristã, não estão em nós; mas na “*promessa do Pai, na redenção e intercessão do Senhor Jesus, no poder e na oferta do Espírito abençoador*”.¹⁰⁹ Deste modo, Fowler compreende o cuidado do Deus Trino para com seus eleitos como um ensino cheio de conforto, cheio de graça e humildade.

4.2. A pregação cristocêntrica puritana era apologética

A devoção trinitária, revelada nas aplicações, coadunam-se aos aspectos apologéticos e doutrinários das pregações puritanas. A crescente influência antitrinitária dos socianos no século 17 alertou os puritanos quanto a necessária defesa da doutrina da Trindade.¹¹⁰ O socianismo tem sua origem em dois teólogos leigos com o sobrenome de Socino (em italiano, Sozini ou Sozzini), Lélío (1525–1562) e seu sobrinho Fausto (1539–1604), os quais tiveram ampla influência na Igreja por causa de sua reconstituição convincente do cristianismo primitivo.¹¹¹ Este grupo, mais tarde reconhecido como sectário e heterodoxo, embora afirmasse a autoridade da Escritura, negava doutrinas da Trindade e da Deidade de Cristo como contrárias à razão. Deste modo, como declara Joel Beeke:

Várias obras foram publicadas para proteger a ortodoxia trinitária, escritas não somente por figuras de destaques como John Owen (1616-1683) e Francis Cheynell (1608-1665), mas também por homens como Nicholas Estwick, reitor da igreja em Warkton, que escreveu livros volumosos em que atacava o socianismo de John Biddle (1615-1662).¹¹²

Há uma gama de sermões puritanos cujo tema principal é a doutrina da Trindade. Boa parte destes sermões são respostas a controversa sociniana. Cito alguns: “*The Trinity Proven by Scripture*” de Benjamin Needler;¹¹³ “*The covenant of Works*” de William Cooper;¹¹⁴ bem como os sermões de Thomas Manton no evangelho de João, capítulo 17¹¹⁵. Destaca-se também a obra de Thomas

¹⁰⁹ Ibid., p. 531.

¹¹⁰ BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. Teologia Puritana: doutrina para a vida, p. 140

¹¹¹ BREWARD, I., “Socino e Socinianismo”, in Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 932.

¹¹² BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. Teologia Puritana: doutrina para a vida, p. 140

¹¹³ NICHOLS, James. Puritan Sermons, vol. 5. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981, 54.

¹¹⁴ Ibid., p. 96.

¹¹⁵ MANTON, Thomas. Sermons upon John XVII, in: The complete works of Thomas Manton, D. D. London

Goodwin *“The knowledge of God the Father, and his Son Jesus Christ”*, que segundo Beeke é um dos mais detalhados estudos sobre a Trindade e além de ser uma defesa da ortodoxia cristã expressa nos credos ecumênicos é também uma refutação do antitrinitarismo altamente bíblicista dos socinianos.¹¹⁶ A obra, contrariamente ao que alguns possam imaginar, não é academicamente fria. Sua defesa da Trindade, como observou Beeke, tem *“rigor exegético e tem proeminência sua ênfase na união e comunhão das três pessoas entre si, bem como sua aplicação prática para nossa própria comunhão com Deus”*.¹¹⁷

Os puritanos foram tão prodigiosos e incansavelmente apologéticos em seus estudos da doutrina da Trindade que Joel Beeke estranha que: *“À luz dos muitos debates que aconteceram na Inglaterra do século 17, é um tanto surpreendente que não tenha havido muita análise acadêmica da teologia trinitária dos puritanos”*.¹¹⁸ Tendo em vista este histórico pano de fundo, não é de se admirar que os sermões puritanos estivessem saturados de referências à doutrina da Trindade.

4.3. A pregação cristocêntrica puritana era aliancista

Os puritanos edificaram sua teologia sobre o fundamento da doutrina da aliança. Joel Beeke assinala que *“A ideia de uma aliança eterna de redenção (pactum salutis) entre o Pai e o Filho pode ser vista na obra de muitos teólogos reformados dos séculos 16 e 17”*.¹¹⁹ John Owen, David Dickson, Herman Witsius, Patrick Gillespie, Peter Bulkeley, Anthony Bugness, Edmund Calamy, Samuel Rutherford, Thomas Goodwin, Thomas Hooker, John Arrowsmith são alguns dos muitos teólogos puritanos que discorreram a respeito da doutrina da aliança.

O interesse puritano por esta doutrina fica patente na atenção dada ao tema pela Confissão de Fé de Westminster e pela Declaração de Savoy. Ambas as confissões caracteristicamente puritanas. Não por acaso, Perry Miller encontra a aliança no *“âmago da teologia puritana”*.¹²⁰ Joel Beeke informa:

Alguns têm dito que a aliança é a ideia central na teologia de Calvino em contraste com os puritanos. Evidentemente falso. Na verdade, os

¹¹⁶ BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. Teologia Puritana: doutrina para a vida, p. 140-141

¹¹⁷ Ibid., p. 141

¹¹⁸ Ibid., p. 141

¹¹⁹ BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. Teologia Puritana: doutrina para a vida, p. 355

¹²⁰ BEEKE, Joel R. Espiritualidade Reformada: Uma Teologia Prática para a Devoção a Deus, p. 382.

puritanos desenvolveram a doutrina da aliança exposta por Calvino muito mais que ele próprio.¹²¹

Por conseguinte, a aliança das obras, a aliança da redenção e a aliança da graça eram temas recorrentes nas pregações puritanas. Observando a proposta do presente trabalho, falemos das duas últimas por colaborarem diretamente para uma pregação cristocêntrica entremeada na redentora obra trinitária.

4.3.1. A Aliança da Redenção

A redenção não foi o plano “b” de Deus em resposta ao fracasso de Adão. A Bíblia ensina que conduzir pecadores à vida eterna por meio de Cristo sempre foi o plano divino. É por isso que Cristo é descrito como sendo o “*Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo*” (Ap 13.8). Como declarou Collin S. Smith:

A morte de Cristo sobre a cruz não foi algo que Deus inventou em resposta ao triunfo de Satanás no jardim do Éden ou último recurso quando se tornou evidente que os homens e as mulheres não conseguiriam obedecer aos Dez Mandamentos. A redenção dos pecadores de todas as nações por Jesus Cristo foi plano de Deus desde o princípio.¹²²

Assim, antes de trazer o mundo a existência Deus contemplou a alegria que viria de redimir uma vasta multidão de pecadores, “*vindos de todas as circunstâncias da vida, de todos os continentes do mundo, e de cada geração da história*”.¹²³ Isto não foi apenas um vislumbre divino, mas um plano eterno infalível. Isto é, o plano de salvação revelado nas Escrituras foi concebido na eternidade, naquilo que chamamos de o Conselho Trinitário. Como bem notou Louis Berkhof:

Vemos que na economia da redenção, em certo sentido, há uma divisão de trabalho: o Pai é o originador; o Filho, o executor, e o Espírito Santo, o aplicador. Isto só pode ser resultado de um acordo voluntário entre as pessoas da Trindade, de sorte que as suas relações internas assumem a forma de uma vida pactual¹²⁴.

A história da redenção tem raízes no Conselho Trinitário, na aliança ou pacto eterno feito entre as pessoas da divindade. Os teólogos às vezes se

¹²¹ BEEKE, Joel. “Calvino Como Calvinista”, in *Teologia Prática: Um Estudo sobre João Calvino e Seu Legado*. São Paulo: Editora Trinitas, 2019, p. 278.

¹²² CARSON, D.A.; KELLER, Timothy. *O Evangelho no Centro: Renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial*. São José dos Campos SP: Fiel (Edição do Kindle), posição 1552.

¹²³ *Ibid.*,

¹²⁴ BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã. Edição do Kindle. p. 458

referiram a este acordo como pacto da redenção¹²⁵. Como bem notou W. Gary Crampton: “O plano eterno de salvação, onde Cristo e sua obra redentora em favor da sua Igreja são centrais, fundamenta-se no conselho intertrinitariano, que é tratado como o pacto da redenção”¹²⁶. No pacto divino, acordado pela Trindade na eternidade passada (em nossa perspectiva), Deus decretou que ele teria um povo para desfrutar de sua comunhão e glória. “Foi neste decreto”, discorre Dwight Hervey Small, “que Deus estipulou a redenção do homem”.

Deus o Pai estabeleceu o pacto com Deus o Filho e com Deus o Espírito Santo. Deus o Filho aceitou ser o Mediador e Fiador do pacto, expiando os pecados do povo eleito por seu próprio sacrifício. Deus o Espírito Santo, por sua vez, aceitou ser o regenerador de todos os crentes, dando-lhes fé para que possam receber o dom da graça de Deus. E assim cada um dos membros da Trindade contraiu para si obrigações definidas dentro do pacto para cumprir o decreto da redenção. O que pactuaram na eternidade passada [em nossa perspectiva] se destinava a ser executado no tempo. O que anteriormente esteve na mente do Deus Triúno, eternamente acordado entre os membros da Trindade, viria a ser um processo efetivo na história do homem.¹²⁷

Com base em Isaías 53.10, o Rev. Thomas Jacombe pregou a respeito da Aliança da Redenção. Em sua definição dessa doutrina, Jacombe afirma: “Por *“pacto”* refiro-me aquela transação federal entre Deus Pai e o Filho na eternidade a respeito da redenção do homem perdido e caído”.¹²⁸ Além disso, ele faz clara distinção entre a aliança da redenção e a aliança da graça:

Entenda-me bem aqui: não devo falar do pacto de graça, mas do pacto de redenção. Nós fazemos distinção entre estes dois [...] Entre outras coisas em que estes dois pactos são diferentes, este é um deles: eles diferem no “*fœderati*”; pois, no pacto de redenção, os “*fœderati*” são Deus e Cristo; mas no pacto de graça, os “confederados” são Deus e crentes.¹²⁹

Mark Jones compreende:

A história da redenção tem raízes na aliança eterna feita entre as pessoas da divindade. Os teólogos às vezes se referiram a este acordo como pacto da redenção, mas o conceito por trás dele é mais importante que o termo usado.¹³⁰

¹²⁵ JONES, Mark. O Conhecimento de Cristo. Brasília - DF: Monergismo, 2018, p. 39.

¹²⁶ CRAMPTON, W. Gary. Cristo o Mediador: Uma Análise da Cristologia de Westminster. Brasília: Monergismo, 2014, p. 20.

¹²⁷ SMALL, D.H. As bases bíblicas para o batismo infantil. Recife-PE: Clire/Os puritanos, 2016, p. 13

¹²⁸ NICHOLS, James. Puritan Sermons, vol. 5. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981, p. 169.

¹²⁹ Ibid.,

¹³⁰ Ibid., p. 39.

Ainda que os termos teológicos (aliança da redenção, aliança das obras e aliança da graça) estivessem ausentes no sermão, o conceito estava sempre presente. John Flavel, por exemplo, a fim de ajudar os cristãos a parar de reclamar quando acham difícil obedecer a Cristo, esboça um diálogo hipotético da aliança da redenção sem mencionar o termo.

Pai: Meu Filho, aqui está a companhia de pobres almas miseráveis que se arruinaram totalmente e agora estão sujeitas à minha justiça! A justiça demanda a satisfação por eles ou eu serei satisfeito na ruína eterna deles. O que se fará por essas almas?

Filho: Ó Pai, tal é o meu amor e compaixão por eles que, em lugar de eles perecerem por toda a eternidade, eu serei responsável por eles como seu fiador. Traz todas as tuas contas, para que eu veja o que te devo. Senhor, traz todas elas aqui, para que não haja débitos futuros para eles. Da minha mão requererás. Prefiro sofrer tua ira a deixar que eles a sofram. Sobre mim, meu Pai, sobre mim recaia toda a dívida deles.

Pai: Mas, meu Filho, se tu te encarregares deles, pagarás até o último centavo. Sem abatimentos. Se eu poupá-los, eles não te pouparão.

Filho: Aceito, Pai. Que assim seja. Coloca tudo sobre mim. Sou capaz de quitar a dívida. E, embora isso acabe sendo um tipo de ruína para mim, embora isso me esvazie de todas as minhas riquezas, mesmo assim estou contente de assumi-la.¹³¹

Por último, os puritanos compreenderam a integralidade da doutrina da aliança com as demais doutrinas. Por exemplo, uma das doutrinas mais expostas pelos puritanos em seus sermões e obras é a certeza da salvação. Sobre este assunto, o Rev. Richard Fairclough considerou que a certeza da salvação está alicerçada no pacto da redenção. A aliança da redenção é fonte de estabilidade espiritual porque é certo o cumprimento de todas as promessas feitas entre o Pai e o Filho.¹³² Assim sendo, a nossa redenção e a nossa comunhão com Deus estão ancoradas nesse arcabouço eterno, pactual trinitário registrado na Escritura Sagrada.

4.3.2 A Aliança da Graça

É a Aliança da Redenção, o Pacto Trinitário na eternidade, que fundamenta a Aliança da Graça, o pacto de Deus com o homem cujo mediador é Cristo, o qual por sua vez se dá no tempo e no espaço. Como declarou Herman

¹³¹ JONES, Mark. *O Conhecimento de Cristo*. Brasília, p. 39–40.

¹³² NICHOLS, James. *Puritan Sermons*, vol. 6. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981, p. 372.

Bavinck: *O benefício para o crente está em saber que a aliança da graça é executada e revelada no tempo e na história, mas se baseia em um fundamento eterno, imutável, a saber, o conselho do Deus trino.*¹³³

Esta Aliança da Graça também envolve as partes que trabalham juntas para efetuar a redenção humana: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Na obra redentora “É o Filho que a garante e efetivamente a realiza; é o Espírito que a implementa e aplica. E, em toda essa obra de salvação, do início ao fim, nada é introduzido que derive dos seres humanos”.¹³⁴

Samuel Rutherford resume bem a natureza graciosa e a efetividade salvadora do relacionamento pactual de Deus com os pecadores após a Queda, afirmando que “o primeiro Adão arruína tudo [aliança das obras], o segundo Adão, que torna novas todas as coisas, conserta tudo [aliança da graça]”.¹³⁵ Apesar da expressão “pacto” ou “aliança” não se acharem nos três primeiros capítulos de Gênesis, os dados bíblicos indicam elementos de uma relação pactual entre Deus e o homem (Adão): (a) uma *condição* imposta ao homem de obediência responsável; (b) uma *promessa* implícita de recompensa por sua obediência; (c) uma *ameaça* de castigo caso houvesse transgressão.¹³⁶ Com o fracasso de Adão como cabeça representativa da humanidade; Deus em sua condescendência provê redenção aos seus eleitos por meio de Cristo, na aliança da graça feita com Cristo e com todos os eleitos.

Joel Beeke, se valendo das obras de John Owen, explica que há dois motivos principais pelos quais em sua essência, conteúdo e natureza a aliança da graça é distinta da aliança das obras.

Em primeiro, lugar na aliança da graça a justificação é inteiramente pela graça, “o que exclui totalmente as obras, ou seja, é resultado de tamanha graça que nossas obras não são o meio de justificação diante de Deus. Em segundo, a aliança da graça tem um “mediador e fiador”; isso está fundamentado exclusivamente nesta hipótese de que nosso mediador e fiador deve fazer por nós tanto aquilo que não conseguimos fazer por nós mesmos, e era originalmente exigido de nós, quanto o que a Lei da primeira aliança não consegue nos capacitar a fazer [OWEN, John. The doctrine of justification by faith. In: The Works of John Owen, D.D. Edinburgh: Johnstone & Hunter, 1850-1855, 5:276]. Na aliança da graça, Jesus Cristo cumpre aquele papel

¹³³ BAVINCK, Herman. *O Pecado e a Salvação em Cristo*, vol. 3, Dogmática Reformada. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 200.

¹³⁴ *Ibid.*, 235.

¹³⁵ RUTHERFORD, Samuel. *The covenant of life opened, or, a treatise of the covenant of grace*. Edinburgh, 1645, p. 14-15 (nossa tradução).

¹³⁶ SMALL, D.H. *As bases bíblicas para o batismo infantil*, p. 20

de mediador e fiador à medida que é o principal tema dessa aliança.

Deste modo, os princípios da aliança da graça atrelado a ênfase da mediação de Cristo, nesse pacto, irão garantir o aspecto cristocêntrico e trinitário da pregação puritana.

Primeiro, na aliança da graça, a obra do Mediador está relacionada ao Pai. O pacto entre o Pai e o Filho para salvar pecadores foi, nas palavras de Thomas Goodwin, “o maior negócio, entre pessoas da mais alta soberania e majestade, que já existiu, e que existirá, celebrado na terra ou no céu”.¹³⁷ Nessa relação do Pai com o Filho há um aspecto de subordinação. Mark Jones explica:

Como o mediador, o Filho *voluntariamente* se subordina ao chamando divino do Pai (Sl 22.2; Jo 20.17) e vive como Servo de Deus (Is 42; 49; 50; 53) para completar a tarefa entregue pelo Pai (Is 53.10; Jo 6.38–40; 10.18; 12.49; 14.31; 17.4), e cumpri-la com obediência (Mt 26.42; Jo 4.34; 15.10) segundo os termos do pacto.¹³⁸

A subordinação do Filho não é fruto da coação do Pai, mas o Filho o faz por amor voluntário. “Isso foi de acordo com o Pacto da Graça”, explica Thomas Boston, “Ele não foi dado contra a sua vontade. Não! A vontade de seu Pai e a dEle são uma [...] O Pai o projetou, livremente, para a obra, e Ele aceitou, alegremente, dizendo: Eis! Eu vou”.¹³⁹ Sobre este tema, Paul M. Smalley cita Jonathan Edwards, herdeiro da teologia puritana, o qual afirma:

As pessoas da Trindade foram, por assim dizer, confederadas em um desígnio e em uma Aliança de Redenção, a qual o Pai designou ao Filho, e o Filho realizou Seu trabalho, e todas as coisas a serem realizadas em Seu trabalho foram estipuladas e acordadas.

Os puritanos não isolavam Cristo e sua obra da pessoa do Pai, antes na obra redentora do Filho, eles identificavam o amor do Pai.

O amor do Pai pelo seu Filho.

Seus conselhos eternos, que estavam ocultos em si mesmo, foram transacionados por meio de uma aliança entre o Pai e o Filho, essa foi uma aliança de redenção, revelada nas Escrituras da verdade. A essa aliança pertencem todas as promessas do Pai ao Mediador, e os arranjos restipulatórios do Redentor acerca da salvação de pecadores, e a maneira e método de como isso seria feito. Quanto a esses conselhos, é dito que o Filho é o deleite do Pai, e que o próprio Filho também se deleita no mundo habitável desde quando foi formado seu pó (Provérbios 8: 22-31).¹⁴⁰

¹³⁷ JONES, Mark. O Conhecimento de Cristo, p. 42.

¹³⁸ JONES, Mark. O Conhecimento de Cristo, p. 41.

¹³⁹ BOSTON, Thomas. Cristo: a dádiva do Pai ao seu povo escolhido. Natal – RN: NR Publicações, 2020, p. 6

¹⁴⁰ COXE, Nehemiah; OWEN, John. Teologia Pactual: De Adão a Cristo. O Estandarte de Cristo. Edição do Kindle, P. 65

O amor do Pai pelos seus eleitos, em Cristo. Em o “Caniço ferido” Richard Sibbes declara:

Se olharmos atentamente não apenas para Cristo, mas para a autoridade do Pai e seu amor nele. Pois em tudo que Cristo fez e sofreu como Mediador, devemos ver nele Deus reconciliando o mundo consigo (2 Co 5.19).¹⁴¹

Como assevera Richard Sibbes: “*Nisso podemos ver o doce amor de Deus para conosco, em que ele reputa a obra de nossa salvação por Cristo seu maior serviço, e naquela ele porá seu amado Filho único para tal serviço*”.¹⁴²

Segundo, na aliança da graça, a obra do Mediador está relacionada ao Espírito Santo. Os puritanos não isolavam a obra de Cristo da operação do Espírito Santo.

A soma das bênçãos que Cristo buscou, em favor do que fez e sofreu na Obra da Redenção, foi o Espírito Santo. Assim é o arranjo de nossa Redenção conquistada; o Pai provê e dá o Redentor, e o preço da Redenção Lhe é oferecido, e Ele concede o benefício comprado. O Filho é o Redentor que dá o preço e também é o preço oferecido; e o Espírito Santo é a grande bênção obtida pelo preço oferecido e concedida aos remidos. O Espírito Santo, em Sua habitação, Suas influências e Seus frutos, é a soma de toda graça, santidade, conforto e alegria; ou o resumo de todo o bem espiritual que Cristo adquiriu para os homens neste mundo. [Ele] é também a soma de toda perfeição, glória e alegria eterna, que Cristo comprou para eles para o outro mundo. O Espírito Santo é Aquele grande benefício, que é o assunto das promessas, tanto da Aliança Eterna de Redenção quanto do Pacto da Graça; o grande assunto das promessas do Antigo Testamento, nas profecias das bênçãos do Reino do Messias; e o assunto principal das promessas do Novo Testamento.¹⁴³

Além disso, na Aliança da Graça o Espírito é aquele que opera, regenera e aplica a redenção no eleito. Nas palavras de Thomas Watson: “*O Espírito atrai docemente, mas irresistivelmente. O Espírito atrai e conquista*”.¹⁴⁴ O Espírito Santo e a Obra de Cristo são inseparáveis (desde a encarnação até a aplicação dela em nós). Logo, não há como coerentemente mencionar o Espírito, sem falarmos de Cristo; não tem como falar do Filho sem se referir ao Espírito.

¹⁴¹ SIBBES, Richard. O Caniço Ferido. Editora Monergismo. Edição do Kindle, p. 8

¹⁴² Ibid., p. 8

¹⁴³ SMALLEY, Paul. O Reino de Deus na Teologia de Jonathan Edwards. In: Piedade Puritana. HAYKIN, Michael. SMALLEY, Paul (Orgs). Natal: Nadere Reformatie Publicações, 2022. p. 75

¹⁴⁴ WATSON, Thomas. A Malignidade do Pecado. São Paulo-SP: O Estandarte de Cristo, 2022, p. 72

O Espírito, na Aliança da Graça não somente opera na salvação, mas coopera com o progresso santificador do eleito. Como observou Thomas Goodwin: “O Espírito que nos assiste em tudo isso vem em nome e no lugar dele, e opera tudo por designação de Jesus”. Mais à frente Goodwin declara:

Sua intercessão [Rm 8.26] nada mais é que a evidência e o eco da intercessão de Cristo, que está no céu. O Espírito ora *em* você pelo fato de Cristo *orar por* você. Ele é um intercessor na terra pelo fato de Cristo ser um intercessor no céu [...] O Espírito toma as palavras como que da boca, ou melhor, do seu coração, e dirige nosso coração a fim de oferecê-las a Deus. Ele também nos visita no sacramento: no cálice, nos mostra a face sorridente de Cristo e, por meio do seu semblante, o seu coração.¹⁴⁵

Como se pode ver, os puritanos eram cristocêntricos e trinitários, ao mesmo tempo, pois entendiam que não há como falar da obra do Mediador sem contextualizá-la na obra trinitária. O pregador contemporâneo tem nos puritanos bons exemplos de como ser cristocêntrico sem ser cristomônico.

¹⁴⁵ GOODWIN, Thomas. O coração de Cristo, p. 34

CONCLUSÃO

Quanto aos aspectos que poderiam obstaculizar a pregação cristocêntrica, focamos no risco do cristomonismo, ainda que involuntário, e suas negativas implicações presentes nas contemporâneas pregações que intencionam ser cristocêntricas. Por conseguinte, este trabalho se propôs apresentar um protótipo, atestado pela ortodoxia reformada, de pregação cristocêntrica tendo os pregadores puritanos como bom exemplo.

Como notado, os puritanos entendiam que a Escritura dá testemunho de Cristo e todos os sermões deveriam ter por meta expor e aplicar o que está na Bíblia; portanto, todos os sermões, obrigatoriamente, deveriam proclamar a Cristo.¹⁴⁶ Isto os puritanos faziam sem serem cristomônicos. As principais razões apresentadas para isso foram: as variadas aplicações dos sermões puritanos fruto do princípio da economia da Trindade; o contexto histórico que colaborou para o estabelecimento de uma pregação doutrinária e apologética; e o pressuposto hermenêutico-teológico aliancista. Os conceitos delineados, ainda que não exaustivos, nos servem de guias para uma pregação cristocêntrica reformada.

Considerar a economia da Trindade nos faz entender como o Pai, Filho e Espírito Santo atuam de formas distintas na nossa salvação e santificação. Entender essas distinções contribuem para que façamos aplicações, pautadas nas ações das Pessoas da Trindade, que incitam os afetos e dispõem o ouvinte à prática como resposta ao *“amor eterno e o beneplácito do Pai, a obra redentora e mediadora de Cristo e o ministério santificador e preservador do Espírito”*.¹⁴⁷ Na pregação, declara Joel Beeke: *“o alvo do ministro é ajudar pessoas a apaixonarem-se por cada pessoa da Trindade”*. Nas palavras de Samuel Rutherford, *“Não sei que pessoa divina eu amo mais, mas disto eu sei: eu necessito e amo cada uma delas”*.¹⁴⁸ Assim, considerando o sermão puritano como norma, Errol Hulse sugere que ao término de seus estudos, o pregador deve perguntar: *“Porventura os cristãos se deleitarão em estarem unidos ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo?”*.¹⁴⁹

¹⁴⁶ PACKER, J.I. Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã. p. 180

¹⁴⁷BEEKE, Joel R. Espiritualidade Reformada: Uma Teologia Prática para a Devoção a Deus, p. 563.

¹⁴⁸ Ibid., p. 563.

¹⁴⁹ HULSE, Errol. Quem foram os puritanos? p. 211

Ao longo dos séculos, a doutrina da Trindade tem sido alvo de grandes distorções. Imprecisões teológica, deturpações bem como o renascimento de heresias antigas sobre o assunto devem nos fazer considerar, assim como os puritanos, a sermos intencionalmente doutrinários e apologéticos em nosso sermão, defendendo está doutrina que nos é tão cara. Afinal, Como declarou Vanhoozer “*A Trindade não é apenas o apêndice da doutrina de Deus, mas a maneira básica e singular que os cristãos devem pensar a respeito dele*”.¹⁵⁰

Sobre a importância desta doutrina, Herman Bavinck afirma:

Toda bênção, tanto espiritual quanto material, vem a nós a partir do Deus trino. Nesse nome somos batizados; esse nome resume nossa confissão; esse nome é a fonte de todas as bênçãos que vêm a nós; a esse nome sempre daremos graças e honra; nesse nome encontramos descanso para nossa alma e paz para nossa consciência. Os cristãos têm um Deus acima de si, diante de si e dentro de si. Nossa salvação, tanto nesta vida quanto no porvir, está em estreita ligação com a doutrina da Trindade.¹⁵¹

Os puritanos eram cristocêntricos como teocêntricos. Isso se devia a sua doutrina estruturalmente pactual. É pelo Filho, que o amor do Pai é visto e a obra do Espírito é contemplada. A perspectiva aliancista, nos puritanos, era claramente transportada para os sermões. Deste modo, a pregação cristocêntrica proclamava a redenção em Cristo emoldurada no Conselho Trinitário, na Aliança da Redenção e da Graça. Como assimilou Herman Witsiuns, a doutrina dos pactos é a melhor maneira de ler a Escritura. Para ele, os pactos são o que J. I. Packer define como “uma hermenêutica bem-sucedida”.¹⁵² Se queremos ser cristocêntricos, sem sermos cristomônicos, a doutrina da aliança da redenção nos é imprescindível como pressuposto hermenêutico. A teologia da aliança fornece a estrutura para entendermos a pessoa, obra e glória de Cristo, moldurada no propósito e sabedoria do Conselho Eterno da Trindade.

Portanto, atentando-me para os objetivos alcançados considero que o presente trabalho colabora despertando a ponderação sobre a pregação cristocêntrica sob a advertência cristomônica e suscita os pregadores a

¹⁵⁰ VANHOOZER, Kevin. J. *A Trindade, as Escrituras ea função do teólogo*. São Paulo-SP: Vida Nova, 2015, p. 32

¹⁵¹ BAVINCK, Herman. *Deus e a Criação*. In: *Dogmática Reformada*, vol. 2, p. 341.

¹⁵² BEEKE, Joel R. *Espiritualidade Reformada: Uma Teologia Prática para a Devoção a Deus*, p. 442.

considerar os princípios práticos, doutrinários e hermenêuticos para uma prédica verdadeiramente cristocêntrica atestada pela era de ouro da pregação.

REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo. Introdução à pregação reformada: uma investigação histórica sobre o modelo bíblico reformado de pregação. Ananindeua: Knox Publicações, 2020, 216p.

BAVINCK, Herman. Dogmática Reformada V.3. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, 2891p.

BEEKE, Joel (org.). Beleza e a glória do Pai. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, 160p.

_____. Espiritualidade Reformada: Uma Teologia Prática para a Devoção a Deus. São José dos Campos - SP: Fiel, 2014, 606 p.

_____. Paixão pela pureza. São Paulo: PES, 2011, 880p.

_____. Pregação reformada: proclamando a Palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus. São José dos Campos: Fiel, 2019, 599p.

_____. *Teologia Prática: Um Estudo sobre João Calvino e Seu Legado*. São Paulo: Editora Trinitas, 2019, 352p.

_____.; JONES, Mark. Teologia puritana: doutrina para vida. São Paulo: Vida Nova, 2016, 1504p.

BERKHOF, Louis. Teologia sistemática. São Paulo: Cultura Cristã, 4ª Edição, 2012, 722p.

BLEDSON, David Allen. Igreja regenerada: uma eclesiologia bíblica, histórica e contemporânea. São José dos Campos – SP: Fiel, 2022, 528p.

BOSTON, Thomas. Cristo: a dádiva do Pai ao seu povo escolhido. Natal – RN: NR Publicações, 2020, 23p.

BOSTON, Thomas; EDWARDS, Jonathan; OWEN, John; PATIENT, Thomas; BURROUGHS, Jeremiah. 5 Sermões Puritanos, Volume VII São Paulo – SP: O Estandarte de Cristo, 2016, Edição do Kindle.

BREWARD, I. (org.). Novo Dicionário de Teologia. São Paulo: Hagnos, 2011, 1224p.

CALVINO, João. A Instituição da Religião Cristã. São Paulo-SP: UNESP, 2008, 508p.

CALVINO, João. *Exposição de 2Coríntios*. São Paulo: Parakletos, 1995, 602p.

CARBALLOSA, Evis L. A divindade de Cristo. Grand Rapids, Michigan: Portavoz Editorial, 1982,

CARSON, D.A.; KELLER, Timothy. O Evangelho no Centro: Renovando nossa fé e reformando nossa prática ministerial. São José dos Campos SP: Fiel (Edição do Kindle), 386p.

CHAPEL, Bryan. Pregação Cristocêntrica: restaurando o sermão expositivo. São Paulo: Cultura Cristã, 2º Edição, 2007, 568p.

_____. O Sermão Cristocêntrico. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, 379p.

CHESTER, Tim. Conhecendo o Deus trino: porque Pai, Filho e Espírito Santo são boas novas. São José dos Campos: Fiel, 2016, 181p.

_____. Experimentando mais de Deus. São José dos Campos: Fiel, 2019, 179p.

CLOWNEY, Edmund. El Misterio Revelado: Descubriendo a Cristo en el Antiguo Testamento. Poiema Publicaciones. 2015, 206p.

_____. Pregando Cristo em toda Escritura. São Paulo: Vida Nova, 2021, 208p.

CONGAR, Yves. A palavra e o Espírito, São Paulo: Loyola, 1989, 148p.

_____. Creio no Espírito Santo I: Revelação e Experiência do Espírito, São Paulo: Paulinas, 2005, 232p.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Efésios: O Deus Bendito: Um Comentário Bíblico, Teológico e Devocional. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, 176p.

COXE, Nehemiah; OWEN, John. Teologia Pactual: De Adão a Cristo. São Paulo – SP: O Estandarte de Cristo. Edição do Kindle, 2017, 480p.

CRAMPTON, W. Gary. Cristo o Mediador: Uma Análise da Cristologia de Westminster. Brasília: Monergismo, 2014, 90p.

DAVIES, Horton, *The Worship of the English Puritan*. Soli Deo Gloria, 2º Ed., 1997.

DEVER, Mark. *Um Perfil de Homens Piedosos: A Teologia Afetuosa de Richard Sibbes*. São José dos Campos – SP: Fiel, 2018, 130p.

EUSDEN, J.D. *Introduction to The Marrow of Theology, of William Ames*. Durham: Labyrinth Press, 1968, 368p.

FORREST, Benjamin K.; KING, Kevin L.; CURTIS, Bill; MILIONI, Dwayne. *A história da pregação: a vida, teologia e método dos maiores pregadores da história*. V.1. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson, 2020, 640p.

GOLDSWORTHY, Graeme. *Introdução à teologia bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2018, 272p.

_____. *Pregando toda Bíblia como a escritura cristã: a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva*. 2016, 394p.

GONZÁLEZ, Justo. *Breve Dicionário de Teologia*. São Paulo - SP: Hagnos, 2009, 344p.

GOODWIN, Thomas. *O coração de Cristo: o cuidado do salvador no céu para com os pecadores na terra*. Aracaju: Os Puritanos, 2021, 120p.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do Século 20 e os anos críticos do século 21: Deus e o mundo numa era líquida*. 2ª Edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, 464p.

HAYKYN, Michael A.G.; SMALLEY, Paul M. *Piedade Puritana*. Natal – RN: NR Publicações, 2022, 306p.

HULSE, Errol. *Quem foram os puritanos?* São Paulo: PES, 2004, 264p.

JONES, Mark. *O conhecimento de Cristo*. Brasília-DF: Monergismo, 2018, 328p.

KELLER, Timothy. *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo*. São Paulo: Vida Nova, 2017, 288p.

KNAPPEN, M.M. *Tudor Puritanism*. Chicago: University of Chicago Press, 1939.

KOLB, Robert; TRUEMAN, Carl R. *Entre Wittenberg e Genebra: Teologia Luterana e Reformada em Diálogo*. Brasília - DF: Editora Monergismo, 2017, 289p.

KURUVILLA, Abraham. O texto primeiro: uma hermenêutica teológica para pregação. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, 304p.

LETHAM, Robert. A Obra de Cristo, Série Teologia Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 52.

LEWIS, Peter. The genius of puritanism. Soli Deo Gloria Ministries, 2016, 144p.

LIMA, Leandro Lima. O Futuro do Calvinismo. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 64

LLOYD-JONES, David. Martyn. Pregação e pregadores. São José dos Campos – SP: Fiel, 2º Edição, 2008, 144p.

LOPES, Augustus Nicodemus. O que Você Precisa Saber sobre Batalha Espiritual, 7º Edição, São Paulo: Cultura Cristã, 2019, 224p.

MEYER, Jason C. Teologia Bíblica da pregação. São Paulo: Vida Nova, 2019, 368p.

NICHOLS, James. Puritan Sermons, vol. 1. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981, p., 267–268.

_____. Puritan Sermons, vol. 2. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981,

_____. Puritan Sermons, vol. 3. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981,

_____. Puritan Sermons, vol. 4. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981,

_____. Puritan Sermons, vol. 5. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981,

_____. Puritan Sermons, vol. 6. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, Publishers, 1981,

OWEN, John. Comunhão com o Deus trino. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2019, 352p.

PACKER, J. I.. Vocábulo de Deus. São Paulo: Editora Fiel, 2º Edição, 2017, 328p.

_____. Entre os gigantes de Deus: uma visão puritana da vida cristã. São José dos Campos – SP: Fiel, 1996, 389p.

PERKINS, William. A arte de profetizar. Brasília-DF: Monergismo, 2018, p. 31

PIPER, John. A supremacia de Deus na pregação. São Paulo: Shedd, 2003, 112p.

RUTHERFORD, Samuel. A beleza de Cristo. São Paulo – SP: Trinitas, 2021, p. 25

_____. The covenant of life opened, or, a treatise of the covenant of grace. Edinburgh, 1645, 72p.

RYKEN, Leland. Santos no mundo: os puritanos como realmente eram. São José dos Campos: Fiel, 2016, 386p.

SHELLEY, Bruce. História do cristianismo. São Paulo – SP: Thomas Nelson Brasil, 2018, 560p.

SIBBES, Richard. O Caniço Ferido (p. 8). Editora Monergismo. Edição do Kindle, 119p.

SMALL, D.H. As bases bíblicas para o batismo infantil. Recife-PE: Clire/Os puritanos, 2016, 255p.

STOTT, John. A Mensagem de Gálatas. São Paulo-SP: Editora ABU, 2018, 176p.

VANHOOZER, Kevin. J. A Trindade, as Escrituras ea função do teólogo. São Paulo-SP: Vida Nova, 2015, 128p.

WATSON, Thomas. A Malignidade do Pecado. São Pauo-SP: O Estandarte de Cristo, 2022, 120p.

Artigos

ADAMS, Thomas. A paixão de Cristo. <

<https://docs.google.com/file/d/0ByMRQ3bAxEvTd1drd0R2SUpYQ3c/edit?resourcekey=0-Vg4-K0P2-qmbDi7x5BASiA> > Acesso em 03/10/22

ANGLADA, Paulo R. B. Vox Dei: a teologia reformada da pregação. Disponível em < https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/04/9_Voz_Dei_A_Teologia_Reformada_da_Pregacao_Paulo_Anglada-1.pdf >

BEEKE, Joel R; SMALLEY, Paul M. Plain Preaching: Demonstrating the Spirit and His Power. Disponível em < <https://web.s.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=14&sid=acf2bf08-016d-4ac5-8dda-098b12ac62da%40redis> >

CAMPOS JR., Héber Carlos de. O lugar da fé e da obediência na justificação: um apanhado histórico das discussões reformadas do Século XVII. Disponível em < <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/3-O-lugar-da-f%C3%A9-e-da-obedi%C3%Aancia-na-justifica%C3%A7%C3%A3o-um-apanhado-hist%C3%B3rico-das-discuss%C3%B5es-reformadas-do-S%C3%A9culo-XVII-Heber-Carlos-de-Campos-J%C3%BAnior.pdf>>

CARDOSO, Dario de Araújo. Uma abordagem cristocêntrica para os sermões biográficos. Disponível em < <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/3-Uma-abordagem-cristoc%C3%AAntrica-para-os-serm%C3%B5es-biogr%C3%A1ficos-Dario-de-Araujo-Cardoso.pdf> >

CHO, Youngchun. A Study of Puritan Covenant Theology disponível em < <https://web.s.ebscohost.com/ehost/results?vid=1&sid=acf2bf08-016d-4ac5-8dda-098b12ac62da%40redis&bquery=A+Study+of+Puritan+Covenant+Theology&bdata=JmRiPXJmaCZsYW5nPXB0LWJyJnR5cGU9MCZzZWFiY2hNb2RIPVN0YW5kYXJkbnNpdGU9ZWZvc3QtbGl2ZQ%3d%3d> >

COHEN, Charles L. Two Biblical Models of Conversion: An Example of Puritan Hermeneutics. Disponível em < <https://web.s.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=16&sid=acf2bf08-016d-4ac5-8dda-098b12ac62da%40redis> >

FERREIRA, Franklin. O movimento puritano e João Calvino. Disponível em < http://www.iglesiareformada.com/Ferreira_Movimiento_Puritano.pdf >

HOLST, Matthew – *Cristocêntrico ou Cristomônico* – Tu Porém. Disponível em < <https://tuporem.org.br/cristocentrico-ou-cristomonico/>>.

HORTON, Davies. Elizabethan puritan preaching 1. Disponível em < <https://web.s.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=7&sid=acf2bf08-016d-4ac5-8dda-098b12ac62da%40redis> >

HORTON, Davies. Elizabethan puritan preaching 2. Disponível em < <https://web.s.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=8&sid=acf2bf08-016d-4ac5-8dda-098b12ac62da%40redis> >

HYDE, Daniel R. Marks of a true Church: pure preaching of the gospel <<https://www.ligonier.org/posts/marks-true-church-pure-preaching-gospel>> acesso em 27/09/2022 (Tradução nossa)

KNITTER, Paul F. Christomonism in Karl Barth's evaluation of the non-Christian religions. Disponível em < <https://web.s.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=3&sid=acf2bf08-016d-4ac5-8dda-098b12ac62da%40redis> >

LANGLEY, Ken. When Christ Replaces God At The Center Of Preaching. Disponível em <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgiclfndmkaj/http://ehomiletics.com/willhite/2008_langley.pdf> Acesso em 25/09/2022 (tradução nossa).

PIPA, Joseph. Sermão Puritano: Um novo modelo de exposição. <http://www.monergismo.com/textos/pregacao/sermaopuritano2.htm> Acesso em 27/09/2022

SCHRÖTER, Jonas; DOERR, Christopher S. PREACHING ONLY CHRIST?: The Danger of Christomonism. Disponível em <<https://www.wls.wels.net/resources/publications/#wisconsin>>

SEO, Kyeongmin “Kaleb”. Christomonism: A Pitfall Of Christocentric Preaching. Disponível em <<https://preachingsource.com/blog/christomonism-a-pitfall-of-christocentric-preaching/>> Acesso em 25/09/2022 (tradução nossa).

SILVA, Moisés. O argumento em favor da hermenêutica calvinista. Disponível em <http://www.monergismo.com/textos/hermeneuticas/he_Silv1.pdf>

SILVA, Thiago Machado. The art of preaching according to William Perkins and Petrus van Mastricht <<https://web.s.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=10&sid=acf2bf08-016d-4ac5-8dda-098b12ac62da%40redis>>

ULISSES, Paulo. Cristocentricidade vs Cristomonismo: um resgate à ênfase trinitária – Teologia Brasileira. Disponível em <<https://teologiabrasileira.com.br/cristocentricidade-vs-cristomonismo-um-resgate-a-ênfase-trinitaria/>>.

WILLIAMS, Martin. Learning to Do Biblical Exegesis with the Puritans. Disponível em <<https://web.s.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=12&sid=acf2bf08-016d-4ac5-8dda-098b12ac62da%40redis>>